

# *atlas* *de* **RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

N.º 24

## **A NEERLÂNDIA**

DELGADO DE CARVALHO

- 1 — O Quadro Geográfico. 2 — A Monarquia Neerlandesa. 3 — Evolução Histórica. 4 — Renascença Econômica. 5 — Recuperação Territorial.

## **RUMÂNIA: PAÍS LATINO DOS BALKANS**

THEREZINHA DE CASTRO

- 1 — Aspecto Geo-econômico. 2 — Os latinos do Oriente. 3 — Os treze núcleos populacionais. 4 — Aspectos Geohistóricos.

## **NOVA ZELÂNDIA: PAÍS DAS ILHAS**

THEREZINHA DE CASTRO

- 1 — Aspecto Geográfico. 2 — Aspecto Geo-econômico. 3 — Ocupação humana.

# A Neerlândia

Delgado de Carvalho

## 1 — O Quadro Geográfico

Sob a orientação de grandes geógrafos alemães do século passado, e do nosso, a Antropogeografia dedicou-se à explicação de todos os acontecimentos pelo meio físico. De fato, é de capital importância o estudo dos ambientes na interpretação das influências que sofrem as sociedades humanas, animais e vegetais. Mas a Geografia Humana pode ser menos exclusiva no exame dos fatores mesológicos. O caso do *imperativo físico na formação social e econômica dos Países Baixos* é um exemplo de casos negativos, isto é, da influência do homem sobre a natureza à qual ele se dobrou para melhor subjugá-la. Depois da Segunda Guerra Mundial operou-se então a sua renascença.

Três sinônimos — *Países Baixos, Neerlândia, e Holanda*, equivalentes a “terra baixa ou cava”, caracterizam perfeitamente uma terra de solo geologicamente recente, formada pelo delta de três rios europeus de importância: o *Reno, o Mosa e o Escalda*. É uma região que teve as suas terras primitivas varridas pela corrente de O. E. do atual canal da *Mancha*, quando as ilhas Britânicas ainda eram ligadas ao continente europeu. Por isso, apresentam costas baixas curvilíneas, arenosas em ambas as orlas litorâneas, continuadas até a Jutlândia. Mas a corrente marítima e as águas continentais dos rios resistiram aos depósitos e formaram arquipélagos, lagos e mares fechados com o *Zuiderzee*, ou antes, como o *lago Flevo* que, há vinte séculos, já existia na região, em proporções muito menores. Poucas costas continentais têm sido tão frequentemente modificadas. Baixas e arenosas, foram, e ainda o são, rompidas pelo mar, apresentando alternativamente pontas e cabos como o *Helder* ou alongadas ilhas paralelas ao litoral como

o *arquipélago das Frísias*. Sendo o rio *Ijssel* o braço mais setentrional do Reno, os Países Baixos podem ser considerados como um *arquipélago del-táico, recortado* de canais, principalmente na *Zelândia*.

O Reno atravessa os Países Baixos na sua parte inferior e na sua embocadura que consta de vários braços: o *Waal* que é o principal, o *Lek*, o *Velho-Reno* e o seu defluente para o norte, o *Ijssel*. Entre esses rios e o *Mosa*, apresenta-se uma inexplicável rede de canais que se unem ou se separaram, confundindo seus domínios, formando meandros incertos e variáveis, prestando-se a alterações efetuadas pelo homem. O rio *Mosa*, ao alcançar a região do Reno, torna-se a ele paralelo, não sem, por vezes, se juntarem as águas. Em suma: são quantidades colossais de águas que rolam estes rios; muitas vezes acima do nível das planícies que cruzam; suas enchentes são, principalmente, no inverno e se constituem numa ameaça constante para os campos vizinhos.

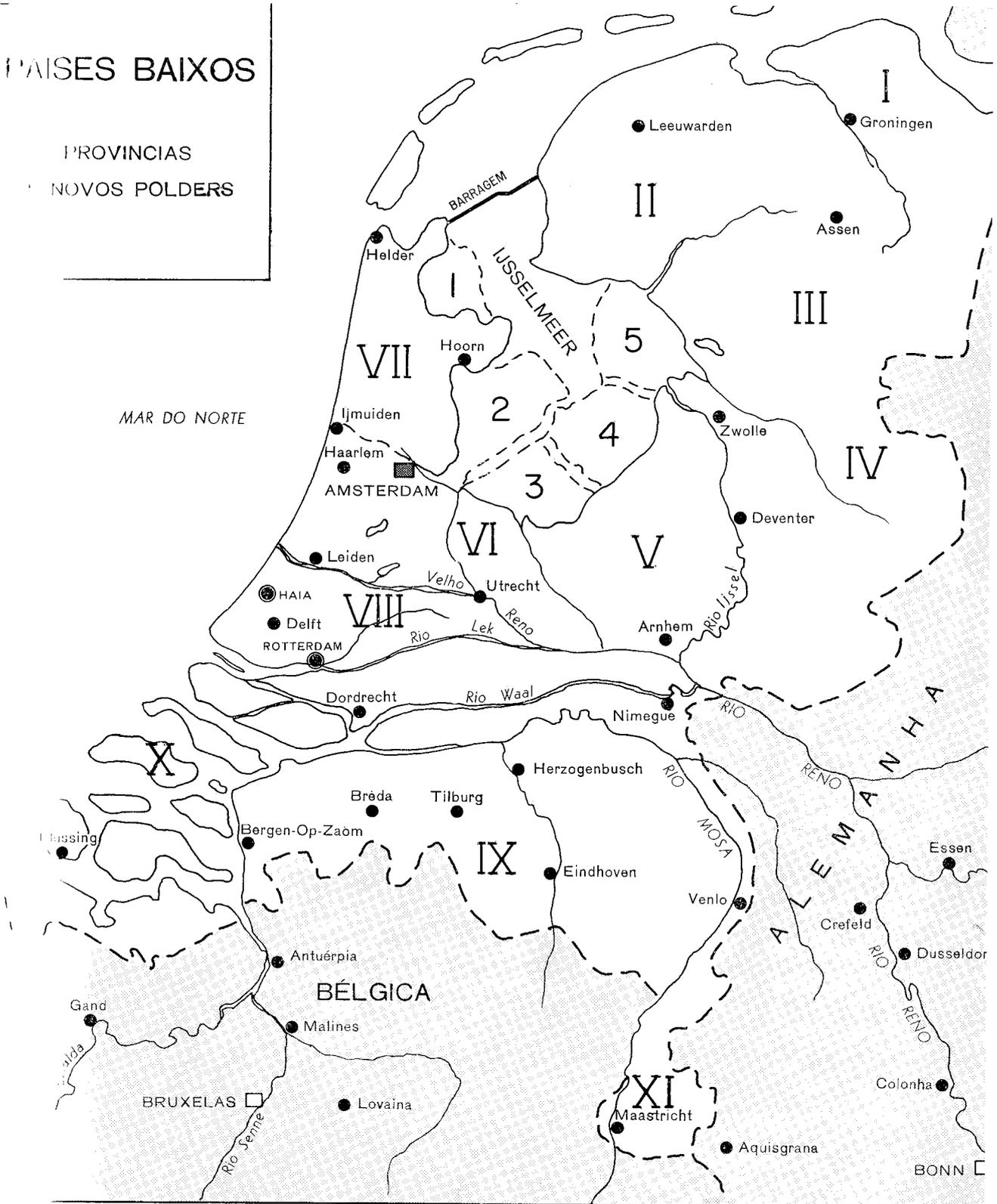
O solo da Neerlândia, plano e baixo, apresenta algumas feições regionais resultantes de sua estrutura geológica e de suas origens. A sudeste, predomina no *Limburgo* o *planalto calcário com bacias carboníferas*, e ao longo do rio *Mosa* os *pântanos de Peel*. A leste, se acumulam as areias formando montículos em cordões, vestígios deixados pelas *geleiras escandinavas* que até aí se estendiam nas eras glaciais. Predominam as *argilas quaternárias*; as planícies apresentam *tufeiras e pântanos*, são pouco férteis. A oeste entendem-se as planícies de terras trazidas pelos rios; são regiões de solo fértil de aluvião. Nas orlas costeiras longos *cordões de dunas* e depósitos marinhos argilosos protegem a Holanda e na Zelândia constituem ilhas do arquipélago no grande estuário dos rios conjugados. Entre estas ilhas destaca-se a de *Wecheren*. Prolongando-se além do norte holandês sucedem-se as ilhas de *Texel*, de *Vlieland* e demais *Ilhas Frísias*.

Os Países Baixos gozam de um tipo de *clima* que se chama, às vezes, de *marítimo*. É nevoento-úmido; temperado-frio, principalmente quando recebe ventos da Europa Central que gelam os canais no inverno. As *chuvas* são abundantes mas não excessivas. A cidade de *Utrecht* registra uma temperatura média de 8,9°C. caindo a mínima a menos 11,2°C. e subindo a máxima a 30°C. com a média mensal mais baixa em janeiro (—1,2°C.) e a mais alta em julho (17,0°C.). Seu clima regula, pois, com o de Bruxelas ou Paris.

# PAISES BAIXOS

PROVÍNCIAS

NOVOS POLDERS



PROVÍNCIAS

POLDERS DO ZUIDER-ZEE

- I - Groningen
- II - Frisia
- III - Drenthe
- IV - Overijssel
- V - Gueldria
- VI - Utrecht

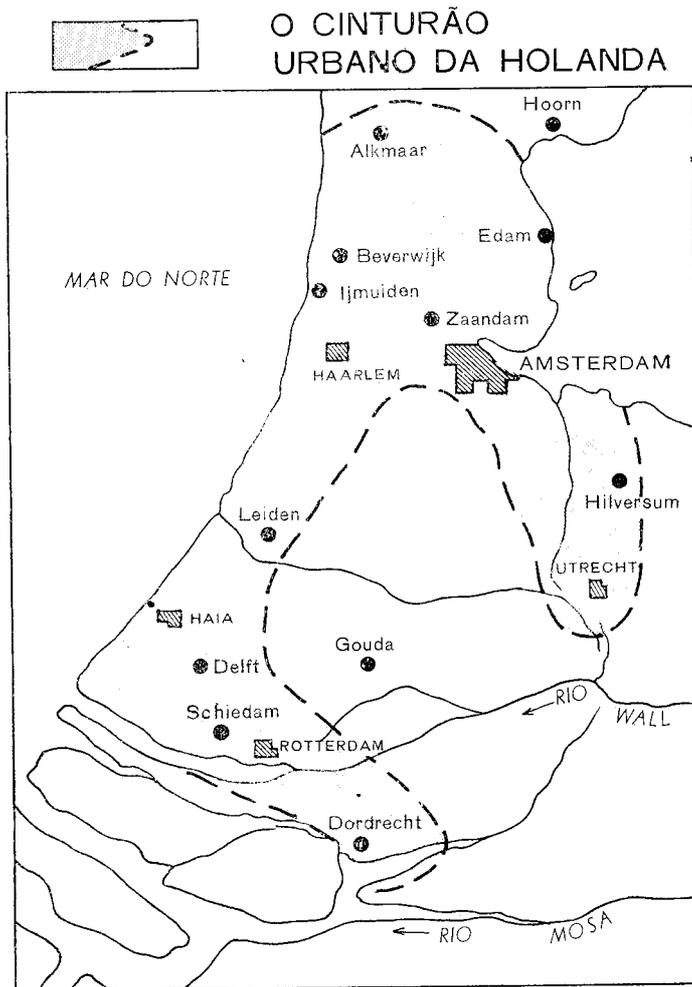
- VII - Holanda Norte
- VIII - Holanda Sul
- IX - Brabante Norte
- X - Zeelandia
- XI - Limburgo

- 1 - Wieringermeer
- 2 - Marker Waard
- 3 - Zuiderlijk Flevoland
- 4 - Oostelijk Flevocand
- 5 - Noordoost Polder

Mapa Organizado por  
Delegado de Carvatho

Este quadro geográfico, simples na sua aparência, explica, entretanto, a complexidade das atividades do povo holandês. Constantemente ameaçado pelo *mar* e pelos *rios*, o povo vive lutando vitoriosamente contra estes elementos. A *defesa contra o mar* é levada a efeito pela manutenção do cordão das *dunas costeiras* e pela *construção de diques* de granito nos pontos mais expostos e de *represas* que se abrem

*tores*; antigamente serviam também os *moinhos de vento* para escoar as águas em canais de escoamento. Diques famosos, que registram os progressos consideráveis realizados na construção de três obras de engenharia, são os diques de *Westenjalle* na *ilha de Walcheren*, o dique de *Helders* e, mais recentemente, o dique *Wieringen* que isolou o *Zuiderzee* do Mar do Norte.



Mapa Organizado por Delgado de Carvalho -1972.

DivEd/D-pmsl

na maré baixa para escoar as águas fluviais. A *defesa contra os rios* e suas enchentes se opera também por diques e por desvios para bocas artificiais. A *reconquista dos terrenos perdidos* é efetuada pelo dessecamento das terras pantanosas para a *formação de polders*. Estes são espaços isolados por meio de diques circulares que envolvem *as áreas a recuperar*. Em seguida, a água nelas acumulada são bombeadas por máquinas movidas por mo-

## 2 — A Monarquia Neerlandesa

Na era romana de Júlio Cesar as regiões do Reno inferior eram povoadas por *batavos* e populações *germânicas*, entre as quais se destacavam as tribos dos *frisios* e de outros *indo-europeus* como os *celtas*. Nos séculos IV e V receberam estas regiões *francos* e *saxões* que substituíram os *batavos* e os próprios *frisios* primitivos. For-

mou-se, assim, um povo de estatura alta, de cor branca, de cabelos louros e olhos claros, que teve de lutar com o meio, suas águas e seu solo. Tornou-se o indivíduo fleugmático, decidido, pouco místico, mas econômico, e prático. Daí seu espírito associativo, mas independente, dado ao fumo e ao álcool, alegre em sociedade e associações. A mulher é mais tradicional nos seus costumes com suas rendas, seus ornatos, seus brincos e capelinhos, distintivos das províncias. O amor às flores, principalmente às tulipas, é uma das características do holandês. Embora sem unidade étnica, a *nação é homogênea* e seus limites territoriais são marcados, a leste, pelas turfeiras e pântanos, que sempre constituíram obstáculos militares e econômicos; a sudoeste, pela *Zelândia* anfíbia; só ao sul, do lado da "Campine" belga, torna-se menos precisa a fronteira étnica. É de fato no *Brabante* onde uma população tardiamente reunida à Holanda se conservou católica. A *língua holandesa* é uma, embora aparentada com o *flamengo* e o *alemão*.

Os Países Baixos gozam de um coeficiente de mortalidade baixo (cerca de 8/1.000). De 1850 a 1930 a *taxa de crescimento* foi das mais altas da Europa; pois a Itália registrou 70%, a Espanha 57% e a França 17%, enquanto que os Países Baixos registraram 160%. Quanto à *população total* do país, depois de sua separação da Bélgica, oferece a seguinte progressão, consideradas as três últimas décadas, de acordo com os recenseamentos:

1840	.....	2.661.000	habitantes
1870	.....	3.580.000	"
1900	.....	4.511.000	"
1930	.....	7.931.000	"
1960	.....	11.461.000	"

Em 1968, a população neerlandesa era estimada em 12.798.000 *almas*, regulando, pois, com densidade demográfica de cerca de 380 habitantes/km<sup>2</sup>.

A Neerlândia é uma *monarquia constitucional* cujo imperante, rei ou rainha, assume a coroa em ordem de *primogenitura* em linha masculina e, na sua ausência, em linha feminina. A rainha atual, *Juliana*, é filha da rainha *Guilhermina* e sua sucessora presumida é a princesa *Beatriz-Guilhermina*; os Países Baixos são governados por rainhas desde 1890, quando faleceu o rei *Guilherme III*.

A *Constituição de 1840* foi objeto de mais de 10 revisões que foram adaptando às circunstâncias os seus dispo-

sitivos não fundamentais. Em 1917, por exemplo, foi adotado o *sufrágio universal* com representação proporcional e *voto feminino*. O poder legislativo pertence à Coroa e ao Parlamento ou *Estados Gerais*, constituídos em duas Câmaras, sendo a primeira eleita pelos membros dos *Estados Provinciais* e a segunda por eleição direta. As leis são propostas pela Coroa e a *Segunda Câmara*; cabe à *Primeira Câmara* aceitar ou rejeitar, sem emendas. Um *Conselho de Estado*, nomeado pela Rainha, é formado de 16 membros; é meramente consultivo e prepara as decisões da Coroa em questões de administração.

O Reino dos Países Baixos é dividido em *onze Províncias*, cada uma com o *seu governo local*, observado, na sua formação, o sistema nacional de eleição, mas com orçamentos, dispositivos legais, taxas, empréstimos e resoluções aprovadas pela Coroa.

Sob o ponto de vista religioso, o recenseamento de 1960 contou ..... 4.634.000 católicos, 4.305.000 protestantes, cerca de 400.000 de religiões diversas e mais de 2.000.000 agnósticos.

A capital do Reino é *Amsterdã*, na Holanda Setentrional, com uma população de mais de 800.000 habitantes. Está situada no rio Amstel e se acha ligada por canal ao Mar do Norte, contando com várias bacias urbanas formadas pelos rios. Seu papel econômico data de sua adesão à *Liga Hanseática* no século XIV. De simples *porto de pesca* passou a ser *empório de especiarias e de produtos tropicais* e a manter indústrias artesanais. A passagem de Lisboa para as mãos de Felipe II (1580) deu forte impulso ao desenvolvimento de sua marinha mercante. Tornou-se, cedo, importante *centro bancário* com o declínio de *Antuérpia* e com a revogação do *Edito de Nantes* que lhe facultou preciosa imigração de protestantes franceses. No século XVIII, a concorrência inglesa acentuou o seu decréscimo que foi precipitado pelo *Bloqueio Continental*.

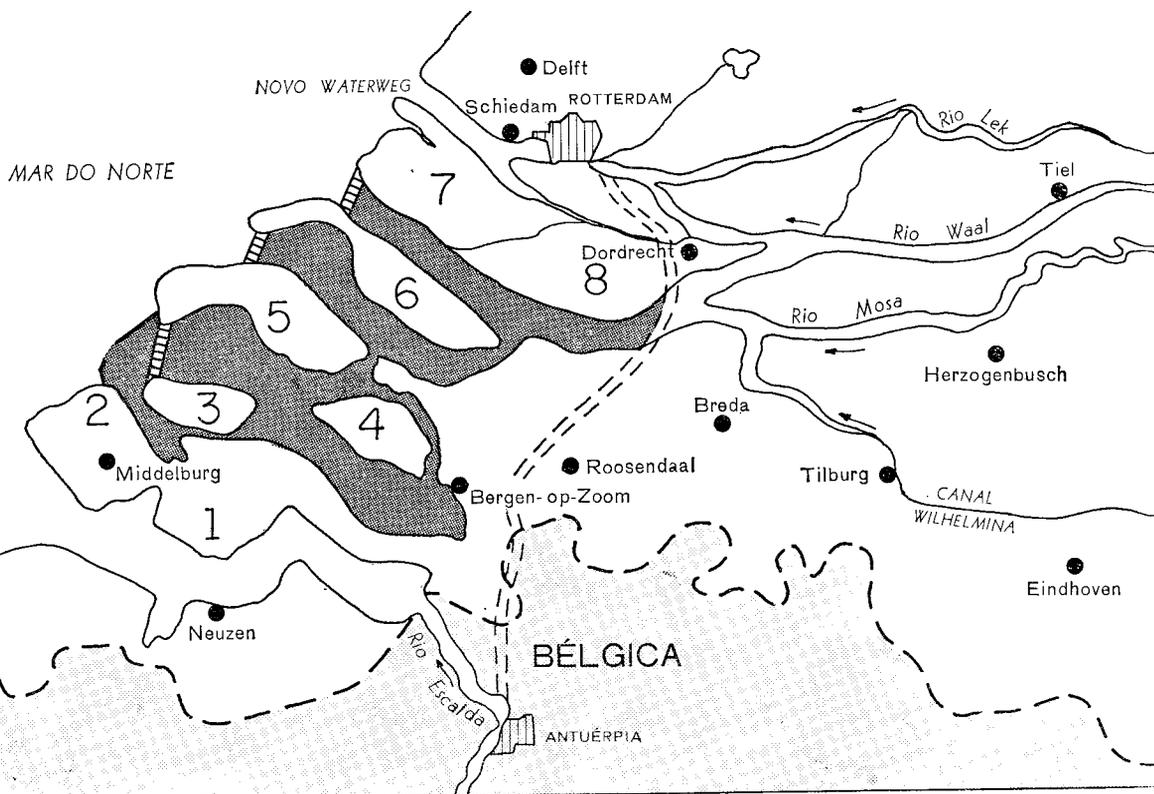
*Roterdã*, com seus 700.000 habitantes, é a segunda cidade do Reino, mas, hoje, já é o porto mais importante da Europa. Situada na junção dos rios *Reno-Lek* e *Nova-Mosa* é ligada ao Mar do Norte por um canal de 30 quilômetros. Suas atividades marítimas começaram por privilégio do Conde da Holanda, no século XIV, mas só no século XVI prosperou devido à *Companhia Holandesa das Índias Orientais* e à construção naval. Tornou-se, também, industrial com as manufaturas de tecidos de linho. O

seu grande desenvolvimento, porém, deu-se na segunda parte do século XIX com suas importações de cereais, madeiras e minérios e, principalmente, com suas exportações de produtos do *distrito de Ruhr*. De fato, Rotterdam é o porto de escoamento da Renânia e da parte oriental da França. Os estragos consideráveis causados ao porto durante a Segunda Guerra Mundial levaram a reconstrução, segundo os conceitos mais modernos, e ligados às indústrias de função portuária e outras.

*Haia* (Den Haag ou's Gravenhage) é a terceira cidade em população (cerca de 600.000 habitantes), mas é a residência da família real, do Corpo

Diplomático, e sede das Assembléias Parlamentares. É uma cidade antiga com muitos edifícios anteriores ao século XVI, mas no momento atual é essencialmente residencial, ocupada por instituições internacionais, como as Cortes de Justiça Internacional e de Arbitramento Permanente.

Pelo fato de ser situada a terra dos batavos na grande planície ondulada da Europa entre os rios Sena e Elba, isto é, na região dos mais espetaculares encontros e conflitos entre ocupantes do continente, foram os Países Baixos cenário de grande acontecimentos históricos. Daí a importância que tem ou tiveram certas cidades holandesas, umas decaídas mas ricas em



CONSTRUÇÃO DE BARRAGENS NO ARQUIPÉLAGO ZEELANDES

ILHAS	1 - Zuid Beveland	5 - Schuwén		Áreas Recuperadas
	2 - Walcharen	6 - Overflakkee		Barragens e Diques
	3 - Nord Beveland	7 - Voorne		Proj. de Canal Antuérpia-Rotterdam
	4 - Tholan	8 - Beijerland		

Mapa Organizado por Delgado de Carvalho 1972. DivEd/D — pmsl

vestígios do passado, outras desenvolvidas e de prosperidade recente como *Eindhoven*, onde a Phillips fabrica lâmpadas elétricas para o mundo inteiro.

São numerosas as cidades históricas de passado romano. *Utrecht*, cidade central do sul do Zuyderzee, tem uma população de 450.000 habitantes. Foi sucessivamente ocupada por frísios, anglo-saxões e normandos. Convertida ao calvinismo, foi centro de resistência na luta contra o domínio espanhol. Ficou célebre na história diplomática pelos tratados que lá foram assinados em 1713 e 1715.

*Haarlem*, a oeste de Amsterdam foi a primeira capital holandesa; conta com 240.000 habitantes. Tornou-se centro de grande atividade na Idade Média com seu comércio. Na mesma região, *Leiden*, antiga "Lugtanum Batavorum", cortada de canais, possui sua universidade desde 1575. *Delft* é célebre por sua porcelana.

*Nimegue*, capital da *Guelria* foi residência imperial dos carolíngios. *Groningue* com seus 200.000 habitantes é cidade setentrional, ligada ao Mar do Norte por canal. *Maestricht* é capital do limburgo, destacando-se no extremo sul com seus 150.000 habitantes.

### 3 — Evolução Histórica

"Há quatrocentos anos, diz o Prof. Norman Pounds, os Países Baixos consistiam em ducados e condados separados que, por meio de uma série de acertados casamentos, de hábeis alianças e de planejadas agressões, foram parar nas mãos dos Duques de Borgonha." De fato, a parte central do Império de Carlos Magno, a *Lotaringia* setentrional, entre a França e a Germânia ficou sem força para resistir a seus dois vizinhos mais poderosos e se esfacelou. Formaram-se os condados da *Holanda*, de *Flandres*, da *Zelândia*, o bispado de *Utrecht*, o ducado de *Brabante* e outros principados que, por alianças, acabaram sob o domínio imperial da *Baviera*, ficando boa parte dependendo do *Santo Império*.

Sob o controle mais eficiente da França, o *Duque de Borgonha*, da Casa Real dos Valois, *João*, o *Bom*, ficou com *Flandres*, o *Artois* e o *Franco-Condado*, mas, por meio de "agressão planejada" apoderou-se da herança de *Jaqueline* da *Baviera* (*Holanda-Zelândia*) em 1428. Seu sucessor, o *Duque de Borgonha*, *Carlos*, o *Temerário*, tentou reunir todas estas regiões conquistando a *Lorena*, mas morreu no sítio de *Nancy*. A filha do *Temerário*, *Maria de Borgonha*, casou-se com o *Imperador Maximiliano* e o filho do casal, *Felipe*,

o *Belo*, por sua vez, desposava *Joana*, a filha louca dos Reis Católicos. Deste modo o herdeiro de todos estes Estados foi rei da Espanha sob o nome de *Carlos I* e imperador da Alemanha sob o nome de *Carlos V*.

"A nação neerlandesa, diz Pounds, citando G. J. Renier, nasceu coerente e distinta das outras unidades racionais. Nasceu porque, durante a segunda parte do século XVI, passou a existir um Estado em cujo território homens viveram e lutaram juntos partilhando experiências tão numerosas e tão intensas que eles se acharam, da noite para o dia, no ponto em que outros Estados nacionais tinham levado séculos a chegar".

O primeiro problema que *Carlos V* julgou necessário resolver foi o da unificação de seus domínios sob a mesma autoridade (Espanha, Países Baixos, Santo Império e América). Visava para isso a unidade religiosa e iniciou a perseguição, inspirado na política dos reis, seus avós, e da *Santa Inquisição*. Sob o domínio de seu filho *Felipe II* os Países Baixos foram submetidos, pelo mesmo motivo político, a um regime religioso de cristianização à força pelo ferro e pelo fogo. Os primeiros *Regentes*, mandados àquelas províncias para representar o rei, foram julgados demasiadamente tolerantes e substituídos pelo *Duque d'Alba* que procedeu com extraordinária violência na repressão aos distúrbios populares. Esta fase histórica (1560-1648) foi denominada pelos holandeses de *Guerra dos Oitenta Anos*. Destacou-se na luta contra os espanhóis a família do *Príncipe Guilherme de Nassau*, o *Taciturno*, que organizou a resistência e foi assassinado. Por fim, no reinado de *Felipe III*, foi assinada a *Trégua dos Doze Anos*, mas somente no *Tratado de Munster*, na *Westfália*, em 1648, foi reconhecida a independência das *Províncias Unidas*.

Na segunda parte do século XVII, a nação neerlandesa se achou envolvida em guerras contra a *Inglaterra de Cromwell* e contra a *França de Luiz XIV*, por motivos econômicos principalmente. O *Ato de Navegação* de 1651 havia prejudicado o comércio marítimo dos holandeses, que, no início do século, tinham sido tão bem sucedidos na sua ocupação de dependências espanholas e portuguesas, entre as quais o *Brasil nordestino*.

Depois do *Príncipe Guilherme III* de *Nassau* ter-se tornado rei da *Inglaterra*, em seguida a "Revolução Gloriosa" que derrubou *Jaime II*, os Países Baixos declinaram, ligados à política britânica e seguindo, nas questões exteriores, o rumo inglês (guerras de Sucessão da *Austria* e dos *Sete Anos*).

Os distúrbios começaram na Holanda, no tempo de *Guilherme V*. Tendo explodido a Revolução Francesa, os descontentes apelaram para a França e os patriotas formaram a *legião batava* quando o país foi invadido pelos franceses que lá entraram como libertadores. O domínio francês, no tempo de *Napoleão*, viu constituir-se o *Reino da Holanda*, do qual foi rei, durante quatro anos, *Luiz Bonaparte*, irmão do imperador francês.

No Congresso de Viena, em 1815, foi reconstituído o Estado Holandês, sendo acrescentado às suas províncias o território da *Bélgica* atual, sob a soberania do Príncipe de Nassau, feito rei dos Países Baixos e Grão Duque do Luxemburgo (união pessoal), passando Guilherme V a ser *Guilherme I* da nova monarquia. As diferenças étnicas, linguísticas, religiosas e outras incompatibilizaram logo os holandeses e os belgas que interesses econômicos colocavam em conflito. Os agricultores belgas eram *protecionistas* e os comerciantes holandeses *livre-cambistas*. Rotterdã e Amsterdã sacrificavam o porto belga de *Antuérpia*; as taxas fiscais oneravam os produtos das culturas belgas. Por fim, aos funcionários holandeses cabiam mais cargos do que aos belgas que, entretanto, constituíam população muito maior. Quando se deram as revoluções européias de 1830, um simples pretexto determinou o levante de *Bruxelas* e a formação de um governo provisório que convocou um Congresso Nacional e depois de algumas hostilidades, foi efetuada a separação. As potências européias se reuniram em Londres e chegaram a um acordo no *Tratado dos Vinte e Quatro Artigos* de 1831, reconhecendo a independência belga, dando, porém, partes do Luxemburgo e do Limburgo ao Reino dos Países Baixos.

As decepções sofridas pelo rei *Guilherme I* em questões internacionais, o advento dos *liberais* na administração, a *revisão constitucional* que dava aos Estados Gerais o controle de seu governo levaram a sua intransigência a abdicar em favor de seu filho, *Guilherme II*.

No segundo reinado, coube ao chefe liberal *Thorbeck* um papel preponderante nos seus três ministérios. Sua obra legislativa foi considerável; foi efetiva a prática do *regime parlamentar*, mas as *questões escolares* determinaram algumas lutas partidárias. Os liberais pregavam a neutralidade escolar, os calvinistas exigiam um ensino de Estado. Nas *colônias* realizaram-se guerras durante trinta anos, em *Samatra*, principalmente. Aliás o sistema de exploração por meio de *trabalho forçado*

vinha sendo muito criticado. A administração do chefe conservador *Kuyper* foi paralizada pelos progressos realizados com o surto do *partido socialista*. Já tinha então começado o terceiro reinado com *Guilherme III*, que ocupou o trono mais de quarenta anos (1849-1890). "Já tinha passado, havia muito tempo, a época em que o soberano procurava fazer prevalecer uma política pessoal e a dinastia, tanto por respeito ao regime parlamentar, como se cuidado pelo bem público, gozava de um respeito merecido". (Maurice Braure — *Histoire des Pays Bas*). De fato, nestes últimos oitenta anos, o trono neerlandês tem sido ocupado por mulheres e a herança presuntiva pertence ainda a mulher (a princesa Beatriz).

Quando faleceu Guilherme III, sucedeu-lhe sua filha *Guilhermina* que, sendo menor, cresceu sob a regência de sua mãe Emma de Waldeck Pymont. Pacificada a *Indonésia Batava*, as tendências à autonomia começaram a se manifestar, ligadas às organizações esquerdistas da metrópole. A atuação dos ingleses na *Guerra do Transvaal* (1899-1902) sofreu muitas críticas entre os holandeses. Sob o ponto de vista econômico, porém, a formação da unidade alemã, com seu surto industrial, teve resultados muito favoráveis ao rápido desenvolvimento de Rotterdã e Amsterdã, escaudouros do Reno; prosperaram as novas companhias holandesas de *navegação*. Durante a Primeira Guerra Mundial, a Holanda manteve a sua neutralidade; mas na segunda, o país foi invadido e grandes perdas foram causadas pelos alemães.\*

No período de após-guerra, as atividades da nação e do governo têm sido notáveis em vários setores. É justo, antes de tudo, mencionar o prodigioso *trabalho de reconstrução e recuperação* efetuado de 1945 para cá: o porto de *Roterdã*, destruído em 1944, ressurgiu ao ponto de ultrapassar sua situação de 1938, representando não mais 50% do tráfico nacional daquela data, mas atualmente a 80% deste tráfico, dobrando quase a tonelagem de seu porto de 42 milhões de toneladas para 72 milhões.

A rivalidade econômica havia sido um dos motivos da separação política da Bélgica em 1830; no correr do século as duas nações sentiram que os inconvenientes da concorrência em alguns produtos eram menores do que a falta de uma ação conjunta. Foi então isto o objeto de estudo de ambos os governos para a adoção de uma união

\* Estudos sobre colônias holandesas foram tratados nos *Atlas de Relações Internacionais* ns. 3, 8 e 18.

dos interesses comuns. Daí nasceu a idéia de uma *convenção aduaneira belgo-holando-luxemburguesa* à qual sempre se tinha oposto a Alemanha Imperial. As guerras mundiais não deixaram de facilitar a execução destes planos, visto que os governos, exilados em Londres, tiveram a oportunidade de discutir com calma e demoradamente as questões alfandegárias e outras de modo a poder, em 1948, passar à aplicação, removendo os principais obstáculos. Assim surgiu o *BENELUX*, união aduaneira dos três países, cuja codificação, em 1957, estabeleceu a livre circulação das pessoas, das mercadorias, dos capitais num mercado comum.

Os progressos do comunismo em vários países do continente tinham levado os Estados da Europa Ocidental, enfraquecidos pela guerra mundial, a se concertarem, em 1949, na chamada *Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN)*. Os Países Baixos foram dos primeiros a entrar neste pacto defensivo de rearmamento e segurança. A aliança subsiste, mas entrou em crise, em 1966, com a saída da França.

A constituição do *BENELUX* havia sido um passo significativo realizado no caminho da cooperação das nações européias e serviu de exemplo à formação das comunidades econômicas, entre outras a do *Mercado Comum Europeu*, instituído em Roma em 1957. As três monarquias — Neerlândia, Bélgica e Luxemburgo aderiram, juntando-se às três repúblicas — França, Itália e Alemanha Ocidental.\* Hoje em dia, esta comunidade dos seis representa a terceira potência econômica mundial e tem vários adesistas em perspectiva.

No que diz respeito às *Colônias* que constituíam parte importante da economia holandesa, os acontecimentos que se deram na Segunda Guerra Mundial permitiram ao Japão de iniciar a sua dominação na Ásia, ocupando a *Indonésia Neerlandesa*. Na América, o *Suriname* e as ilhas *Curaçao*, *Bonaire* e *Aruba* foram conservadas, mas, na Ásia, *Java*, *Samatra*, *Borneo*, *Célebes*, *Iria*, etc. depois de negociações e de intervenções armadas, conseguiram ter a sua independência reconhecida pela metrópole (1956).

#### 4 — Renascença Econômica

Devido a seus climas temperados, frios e úmidos, os seus solos argilosos predispõem as planícies da Neerlândia às boas pastagens. Mas do lado do leste predominam os solos arenosos, por vezes matosos e por vezes de vegetação

Vide *Atlas de Relações Internacionais*, n.º 1.

rasteira, ditos "*landes*". No sul, o *löss* predomina nas aluviões dos rios. Na orla marítima destacam-se as *terras hortícolas*. Entre o Reno e o Mosa as terras de cultura são excelentes, em parte explicável pelos tratos artificiais que vêm recebendo a séculos nos antigos jardins dos mosteiros. A *agricultura neerlandesa* é a mais intensiva do mundo. A quantidade de adubos por hectare é a mais forte do globo, especialmente para as pastagens, mais cuidadas que o próprio trigo.

No sul, no planalto do Limburgo, as culturas são pobres, predominam a batata, o centeio, e a criação é de pequeno porte com bom mercado de ovos.

Os *polders* se especializam geralmente em *pastagens* e determinadas culturas; a escolha depende da profundidade da camada de água subterrânea: até 30 centímetros, presta-se aos pastos; além disto, recebe culturas diversas, segundo a *turfa* que contém. Destacam-se vários tipos de *polders*: na *Frisia* e na *Holanda* predominam os *polders de criação*, onde prospera a *vaca malhada*, a melhor leiteira conhecida. Na *Zelândia* e no Mosa predominam as culturas industriais; são os *polders de lavoura* com o linho, lúpulo colza e beterraba, surgindo as cervejarias e engenhos de açúcar. Quanto aos *polders de horticultura* se encontram principalmente na *Holanda Meridional*, com pouca extensão mas alto valor de produção, destacando-se os jardins de jacintos e de *tulipas*, cujos bulbos são freqüentemente exportados por avião. A *horticultura* é, de fato, uma das características dos Países Baixos e a sua agronomia tem as suas "sementes de elite".

Quanto a *criação de gado*, podem ser enumeradas três raças: a primeira *raça frisia ou holandesa*—malhada, preta e branca, leiteira, que dá de 3 mil a 5 mil litros de leite por ano; raça esta que constitui 70% do gado bovino do país; a segunda é a *raça groninguense*, preta de cabeça branca, com círculo negro nos olhos — dá leite e carne; a terceira é a *raça do Mosa-Reno*, branca e ruiva, para leite e carne, também. O Estado neerlandês segue de perto as indústrias de criação e controla 80% das vacas. *Manteiga* e *queijo* são geralmente produtos de cooperativas. Dois tipos de queijo se destacam: o *Edam* debitado em bolas vermelhas da Holanda do Norte e o *Gouda* fabricado em discos amarelados na província de Utrecht.

A *pesca* não é só uma das atividades tradicionais dos batavos, como também o fator econômico que determinou a formação social da nação. No tempo da Europa católica, os holandeses eram

os principais provedores da dieta quaresmal, principalmente depois da descoberta do processo de defumação do *harenque*. É pescado também o *salmão* e são numerosos os peixes de água doce dos rios. O consumo de peixe de 5 a 6 kg. por ano por habitante, antes da guerra, passou atualmente para 15 kg. por pessoa. Com o fechamento do Zuiderzee e de seus portos, a pesca se localiza na costa da Holanda do Norte, onde o porto de *Ijmuiden* se tornou centro principal. Cerca de 300.000 toneladas são pescadas anualmente e a maior exportação é de harenque.

É freqüentemente repetido que a economia dos Países Baixos é a mais comercializada do globo. Na realidade, os holandeses, devido a seu país se achar na embocadura deltáica dos rios mais ativos, encontraram seu destino econômico nas redes de comunicação desde o século XVII, como revela a História. No interior do país, apesar dos numerosos rios, riachos, canais e lagos que se cruzam ou se avizinham, as *redes ferroviárias e rodoviárias* são densas e altamente freqüentadas. Mas a *frota mercante* com sua capacidade de mais de 5 milhões de toneladas (em 1969 — 5.113.000 t.) de transatlânticos, cargueiros e petroleiros, ocupa o 7.º lugar nas marinhas internacionais. O seu porto principal, *Rotterdam*, é o primeiro da Europa, pois já ultrapassava Londres, que é o segundo do mundo depois de Nova York.

Sob o ponto de vista industrial, os Países Baixos dispõem de poucos recursos energéticos e de limitadas *matérias-primas*. Em compensação é numerosa, ativa e ordeira a sua *mão de obra* e não lhe faltam *capitais* e relações internacionais no mundo econômico. Daí o surto industrial resultante de um artesanato tradicional.

O *carvão* provém das minas do sul, situadas no Limburgo, mas não dispensa a importação de 30% das necessidades de sua indústria. O mesmo se dá com o *petróleo* que é explorado no norte, no *Drenth*, mas só fornece 25% do consumo do país.

Subsistem *indústrias antigas* que transformam produtos agrícolas e de pesca, assim como complementares da vida marítima ou do comércio: são elas a *construção naval*, a *tecelagem*, a *lapidação* de pedras preciosas, as *indústrias alimentares*. As *indústrias novas* são principalmente mecânicas e pesadas, como a *siderurgia*.

As construções navais se localizam em *Schiedam*, *Amsterdam* e *Flessingen*; *Utrecht* constrói *locomotivas*; *Eindhoven* especializou-se em eletrônica; *lãs* são trabalhadas em *Tilburgo*; *Delft*, além de sua cerâmica famosa prepara

produtos farmacêuticos. Os *automóveis* são montados principalmente em *Amsterdam*.

Quanto à distribuição regional das indústrias neerlandesas, pode ser efetuada uma localização do seguinte modo. No extremo sul, no “país negro” predominam as pequenas cidades do Limburgo e suas minas de carvão. Na região dos *landes*, as indústrias têxteis e elétricas determinaram o aparecimento de numerosas cidades novas — as “cidades-cogumelo”. Nos vales do Reno e Mosa se acham as cidades antigas de atividades tradicionais, principalmente comerciais. Por fim, ao *Cinturão Urbano* correspondem as maiores cidades, tradicionais e ricas que vão atraindo as populações para sua prospera vertente marítima.

## 5 — Recuperação Territorial

A necessidade de se defender contra as inundações levou cedo os holandeses a estabelecer um serviço de águas. O corpo de engenheiros do *Waterstaad* foi criado em 1798. Os progressos realizados nesta especialidade da engenharia permitiram a recuperação de extensas áreas no século XIX. Já, entretanto, haviam os holandeses executado semelhantes obras em vários países da Europa, no século XVII, principalmente.

Os primeiros trabalhos foram iniciados no século XII no *baixo Elba* e na costa ocidental da *Jutlândia*. A maior parte dos rios da Europa Central *Elba*, *Oder*, *Vistula*, foram, em certos trechos, dessecados no século XVIII. O mesmo pode-se dizer da região francesa da *Gironde* e, no delta do *Ródano* (Baux e Arles) e dos pântanos italianos do *Tibre*. Espetacular, porém, foi a recuperação da região inglesa do golfo de Wash, entre Lincoln e Cambridge, os *Fens*; igualmente na Inglaterra, Doncaster, os pântanos de *Romney* e de *Malvern* (1626 a 1630).

As regiões neerlandesas que estão acima do nível do mar se localizam principalmente a leste e a sudeste, onde são drenadas as águas para o mar pelas redes fluviais, de acordo com os declives do relevo. Quanto à parte do país que se acha abaixo do nível do mar, as águas são bombeadas artificialmente, principalmente por moinhos. De fato, o moinho de vento não se limita a esmagar grãos, mas serve para elevar as águas de um lago e canalizá-las para o mar. Este serviço que dotou a Holanda de suas mais pitorescas e característi-

cas paisagens vai sendo aos poucos substituída pelo motor a vapor ou elétrico. A técnica moderna vem, pois, dispensando a Holanda de seus tradicionais moinhos.

Os *polders* são superfícies de terra circundadas por diques ou por dunas, pelas quais o nível das águas é controlado, podendo ser mantido abaixo do nível do mar. *Barragens* e *molhes de pedras* e pontas entrando no mar em ângulo reto do litoral são encontrados, principalmente, nas ilhas do arquipélago à beira do Mar do Norte. São construções colossais de grande resistência. Nas lagoas e lagos que represam as águas já tornadas doces pelos rios, extensas áreas podem ser cercadas para, em seguida, serem bombeadas por moinhos as suas águas. Recuperam-se, assim, milhares de hectares de terras boas, onde se desenvolvem as pastagens que alimentam os bovinos preto e branco, característicos da melhor raça holandesa.

O grande problema que enfrentam os neerlandeses foi criado pela formação do chamado *Zuiderzee*. No primeiro século da Era Cristã, o Reno, sob os nomes de *Vahalis* e de *Sala*, seus dois ramos tributários do Mar do Norte, acrescidos do *Mosa* se vertiam numa vasta área pantanosa que uma faixa de extensas dunas separava do mar. Na região se tinha formado uma superfície lacustre, o *Lacus Flevo* que também recebia canais naturais do *Vahalis* (origem do Waal). No início do século XIII, as populações frisias que, em pequenos montes de terra, *os terpen*, habitavam a região pantanosa, foram surpreendidos por uma formidável invasão das águas do Mar do Norte que muito destruiu, e deixou uma vastíssima área inundada. Era mais do que um golfo ou um lago; os frisios o chamaram Mar do Sul, *Zuiderzee*. No decorrer dos tempos, crescendo as populações, foram os holandeses tratando de reconquistar terras para a agricultura e para a criação, procedendo por diques, dunas e barragens, sempre maiores e mais eficientes, à medida que iam progredindo os conhecimentos científicos. Pântanos, brejos e lagoas, da parte ocidental do país foram aos poucos reconquistados para a agropecuária. Por fim chegou a hora de atacar o próprio *Zuiderzee*.

Em meados do século XIX, cerca de dezoito mil hectares de terras tinham sido recuperados no *Harlemer-*

*-meer*, mas ao começar o nosso século foram atacados os trabalhos dos *polders* do grande mar interno já transformado em lago de água doce pelas contribuições fluviais. Em 1932, depois de seis anos de trabalho, foi terminada a grande represa do *Wieringen*, dique de trinta quilômetros que une o extremo norte da província da Holanda à Frísia. A largura desta barragem abre caminho para as pistas de carros e pedestres e duas linhas férreas. Foi "obra de Titãs" que permitiu a reconquista das terras em cinco grandes *polders* de *Weringermeer*, do *Nordeste*, de *Markewaard*, de *Flevoland Oriental* e de *Flevoland Meridional*. O resto das águas represadas constitui hoje o *lago Yssel*, entre os 220 mil hectares de terras recuperadas.

PRODUÇÃO DE CEREAIS EM MILHARES DE TONELADAS					
CEREAIS	1940-49	1950-59	1966	1967	1968
	(médias)				
Trigo.....	322	348	597	738	678
Centeio....	439	459	190	239	239
Cevada....	145	258	416	446	389
Aveia.....	3.5	464	357	365	317

GADO EM MILHARES DE CABEÇAS			
Bovinos	Suínos	Ovinos	Equinos
4.116	4.682	552	65

MINERAÇÃO EM MILHARES DE TONELADAS			
Carvão		Petróleo	
1838.....	13,4	1943.....	9,2
1948.....	11,9	1953.....	820
1958.....	11,8	1964.....	2.366
1968.....	6,6	1968.....	2.147

ENERGIA ELÉTRICA EM m.kWh	
1938.....	3.688
1958.....	13.854
1966.....	27.869
1967.....	39.056
1968.....	33.619

MARINHA MERCANTE EM MILHARES DE TONELADAS			
1913.....	1.240	1948.....	2.737
1928.....	2.809	1958.....	4.606
1938.....	2.852	1968.....	5.064

COMÉRCIO EXTERIOR EM MILHARES DE FLORINS		
ANO	Importação	Exportação
1939.....	1.559	1.005
1949.....	5.331	3.951
1959.....	14.908	13.702
1965.....	27.009	23.103
1968.....	33.638	30.196

NAVIOS ENTRADOS NOS PORTOS			
1929.....	27.080	1948.....	15.278
1938.....	27.607	1958.....	58.990
1943.....	718	1964.....	85.010
(ano de guerra)			

COMÉRCIO — PAÍSES DE ORIGEM (1968) — mil florins —		
PAÍS	Importação	Exportação
Bélg-Lux.....	6.049	4.318
França.....	2.182	3.179
Alemanha Ocidental...	8.875	8.393
Itália.....	1.523	1.450
Inglaterra.....	1.843	2.579
EE.UU.....	3.671	1.578

# Rumânia: País latino dos Balcãs

Therezinha de Castro  
Geógrafa do IBG

## 1 — Aspectos Geo-Econômicos

Situada na *Península Balcânica*, no Sudoeste da Europa, a *Rumânia* ocupa uma área de 237.500 km<sup>2</sup> pouco maior que a do nosso Território de Roraima (230.104 km<sup>2</sup>). Limita-se com a Rússia, Hungria, Iugoslávia e Bulgária; seu litoral no *mar Negro* encontra-se bastante reduzido por haver o país perdido, na Segunda Guerra Mundial, a Bessarábia para a Rússia e parte da Dobruja para a Bulgária. No entanto, conseguiu a Rumânia ficar com a *embocadura do Danúbio*, delta de 2.500 km<sup>2</sup> de superfície com três braços principais — o Chília, o Sulina e o Sfintul Georgehe.

O *Danúbio*, segundo rio em extensão na Europa depois do Volga, é do tipo nível-glaciário, com cheias no verão e primavera. Após medear e atravessar cinco países, atinge a Rumânia, formando-lhe a fronteira sul com a Iugoslávia; atravessando o desfiladeiro denominado *Portas de Ferro*, faz pouco adiante os limites com a Bulgária. Como rio limdeiro perfaz 700 km; penetrando em território rumeno tem 300 km de percurso.

Ultrapassando as Portas de Ferro, o Danúbio corre por vasta planície de inundação — a *depressão da Valáquia* com 600 km leste-oeste, alargando-se em 150 km. A planície da Valáquia constitui-se numa fossa tectônica entre os Alpes da Transilvânia e a plataforma Búlgara. Percorrendo-a de norte para o sul, encontramos inicialmente cones de dejeção justapostos, seguindo-se terraços secos, para, finalmente, surgir a planície aluvional propriamente dita. A região mais fértil é a do terraço, por se encontrar coberta de lóess, aproveitado para a *cultura do trigo*.

Correndo paralelo ao litoral do mar Negro, o Danúbio corta a *planície da Dobruja* com 62% de terrenos pantanosos, áreas ocupadas por canais e águas livres (25%) e faixas esparsas de terra com cobertura de lóess (1,3%).

Encontra-se nesta planície o *delta do Danúbio* que começa em Ismail. Trata-se na realidade de imenso lago, resíduo de golfo pouco a pouco fechado por aluviões depositadas pelo rio, avaliadas em 60.000.000 m<sup>3</sup> anuais. Nestas condições, obstruídas as bocas do Danúbio, só o canal de Sulina encontra-se aberto à navegação marítima propriamente dita. Aliás, o canal de Sulina é o caminho mais curto (90 km) para se atingir o mar Negro. É também o mais profundo (16 m), sendo por isso navegável por navios de grande calado; já o Chília, com 101 km de comprimento e apenas 4 metros de profundidade, é mais utilizado pelos barcos pesqueiros. São típicos nesta região deltaica os "*Plavuris*", ilhas flutuantes cobertas por vegetação que abrangem aproximadamente 72.000 hectares.

O país possui cerca de 2.300 lagos quase todos na zona montanhosa, muito embora os maiores se localizem no litoral do mar Negro; entre esses o *Razelm* com 360 km<sup>2</sup> e a lagoa de água doce *Stuighiol*, em cujas proximidades ergue-se o *balneário de Mamaia*, ponto turístico da Rumânia.

O *Danúbio* é o principal coletor fluvial da *Rumânia*. Oriundos do nordeste destacam-se o *Pruth* (810 km) e o *Siret* (500 km) entre os quais se estende a *planície da Moldávia*. O *Pruth*, procedente da Polônia, forma em grande parte de seu curso a fronteira rumeno-russa; o *Siret* banha a planície da Moldávia, encontrando o Danúbio na cidade de Galatz.

A Moldávia é a região onde as colinas se alternam com os vales abrigados; aí bem mais importantes que as plantações de trigo e vinhedos são os *veios petrolíferos que contornam o arco Carpático*; essa área, ao sopé da montanha, é regionalmente conhecida como *Podgória*.

Mais numerosos, porém menos caudalosos, são os cursos de água que se lançam no Danúbio após regar a planície da Valáquia. O *Jiul* (300 km) e o *Olt* (556 km) cortam com seus vales as montanhas da Transilvânia; o segundo atinge a planície através do *desfiladeiro da Torre Vermelha*. O *Vedea* . . . . . (190 km) é característico da planície pantanosa, onde predominam os *arrozais*. O *Arges* (300 km) com o *Dambovitá* atravessam regiões cobertas por *vinhedos*. E finalmente o *Ialomita* . . . (225 km), com seu curso já a leste do maciço da Transilvânia. Também pro-

cedente deste maciço, merece destaque o *Mures* que lança suas águas no rio *Tisza* em território húngaro.

As planícies da Moldávia, da Valáquia e da Dobrudja, localizadas na região do baixo Danúbio são ricas e férteis. A bacia danubiana apresenta-se na Rumânia com um aumento considerável no volume de água, comparando-se aos demais setores: em Viena o débito médio do Danúbio é de apenas 1.600 mm<sup>3</sup>/segundo, em Budapeste ... 2.370 mm<sup>3</sup>/segundo, atingindo 7.230 mm<sup>3</sup>/segundo em Ismail. Na zona inundável do delta as águas chegam a atingir o máximo de 35.000 mm<sup>3</sup>/segundo na época das grandes chuvas, acusando o mínimo de 2.000 mm<sup>3</sup>/segundo no período das secas.

Cerca de 26% do território rumeno é ocupado por montanhas. Compõem essas um vasto arco montanhoso denominado *Carpatos*, que na parte ocidental recebe o nome específico de *Alpes da Transilvânia*.

Nos Carpatos Orientais destaca-se uma parte formada por maciços vulcânicos que — nos montes Rodna — pico *Pietroxi*, atinge cerca de 2.305 m de altitude, segue-se uma zona cristalina, e na parte externa dobrada, bem menos elevada (1.600 a 2.000 m) a área de "flysh" com alternâncias de calcário, arenito, argila e xistos.

Entre o passo do Predeal nas imediações de Brasov e as Portas de Ferro, estão os Carpatos Ocidentais ou Alpes da Transilvânia formando maciços cristalinos com altitudes maiores, pois nos montes Tagaras encontra-se o *Moldovanul* (2.543 m), pico culminante da Rumânia.

Graças à erosão glacial e fluvial, formaram-se nos montes *Carpatos numerosos passos e desfiladeiros*, que serviram, em passado remoto, para unir as populações estabelecidas nas vertentes opostas desta cadeia de montanhas. Hoje, essas passagens são aproveitadas por ferrovias ou rodovias; no desfiladeiro do Predeal, por exemplo, aberto numa região de 1.050 m, passa a ferrovia que liga Brasov a Bucarest.

Na concavidade deste arco montanhoso abriga-se a *zona das colinas* (39% do território). É a *Transilvânia* que, além dos montes *Bihor e Banat*, desaparece para dar lugar à *planície da Panônia*. A Rumânia possui na Panônia uma franja da planície húngara com largura que varia dos 50 aos 100 km; aí o solo de *löss* também aparece para, associado ao clima quente e úmido do verão, tornar a região propícia à *cultura da vinha, milho e tabaco*.

O Bihor nada mais é do que uma linha de cristas calcárias, interrompi-

das por vales transversais, onde se estendem planícies cobertas por bosques; já o Banat corresponde a um nó cristalino, encerrando importantes jazidas de *carvão, ferro e manganês*.

Nestas condições podemos concluir que a cadeia Carpática do tipo alpino, estendendo-se do norte ao centro do país divide-o em: *Rumânia Externa*, formada pelas planícies da Moldávia, Valáquia e Dobrudja; e *Rumânia Interna*, abrangendo a zona do planalto da Transilvânia com altitudes variando dos 200 aos 800 m, os montes Bihor e Banat, findando na planície da Panônia.

A ocupação econômica corresponde de um modo geral a essa disposição fisiográfica. Assim, nas áreas planas, os cereais ocupam cerca de 69,8% das terras aráveis. Além dos vales pecuaristas nos cursos inferiores do Danúbio e Siret, a criação se desenvolve preferentemente no planalto da Transilvânia, estendendo-se as florestas pela zona montanhosa.

O trigo é o mais importante produto agrícola do país, seguido pela batata. Nos últimos anos tem aumentado a cultura frutícola, vinícola, bem como de plantas industriais (fumo, linho, cânhamo e algodão) ao lado dos arrozais que invadem as áreas pantanosas.

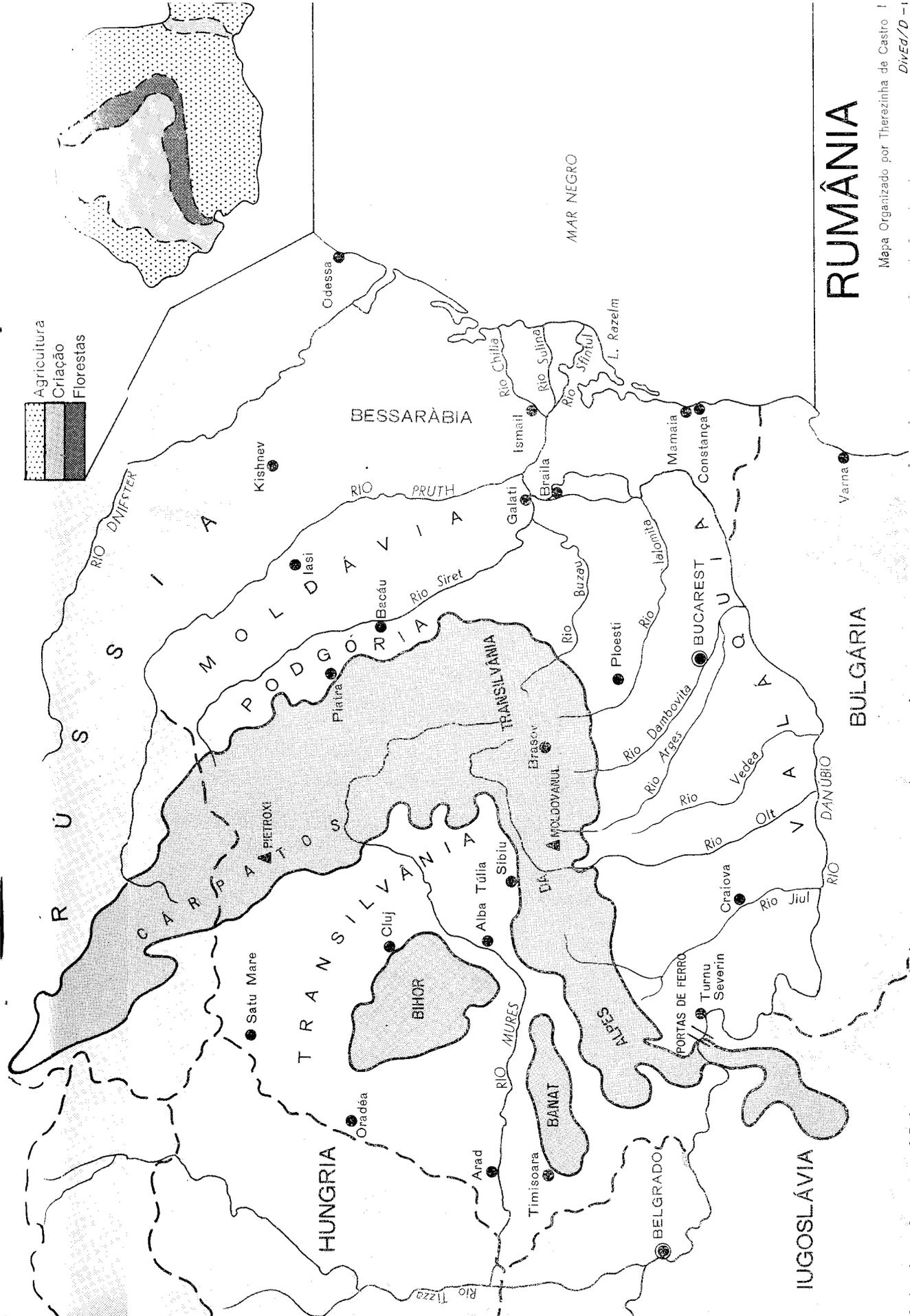
PRODUÇÃO AGRÍCOLA (1969*) (em 1.000 toneladas métricas)	
Trigo .....	4.848
Batata .....	3.707
Girassol .....	739
Cevada .....	590
Aveia .....	114
Arroz .....	60

\*Fonte: *The Statesman's Year Book* (1970-71)

PECUÁRIA (1969*) (em número de cabeças)	
Cavalos .....	792.500
Carneiros .....	14.390
Porcos .....	5.900
Bois .....	5.109

\*Fonte: *The Statesman's Year Book* (1970-71)

Possuindo clima continental com temperaturas mais elevadas, a *zona florestal* começa a se desenvolver a partir dos 200 m de altitude, quando aparecem as *faias, azinheiras e variedades de coníferas*; só a partir dos 1.800 m de altura surgem os *prados alpinos* que cobrem os Carpatos, procurados no verão pelos rebanhos criados na Transilvânia. A riqueza florestal rumena, além de



# RUMÂNIA

Mapa Organizado por Therezinha de Castro  
DivEd/D - 1

alimentar *importante indústria madeireira* (compensados, planadores, embarcações, instrumentos musicais e móveis), possibilita ainda a *produção de celulose* usada na fabricação do papel.

Após a Segunda Grande Guerra começam a ser implantados na Rumânia os *kolkoses* e *sovkoses*, conforme modelo russo. Assim, no setor agrário predomina o *tipo de propriedade cooperativista*, em virtude da expropriação dos latifúndios (1945) e confisco das terras da Coroa e Clero (1948). Nessas condições, a produção rural do país se realiza em cerca de 4.700 cooperativas agrícolas e 721 estabelecimentos agrícolas estatais.

O subsolo rumeno é rico. Suas importantes *regiões carboníferas*, onde predomina a hulha e linhita estão localizadas no Banat e Transilvânia. As *indústrias mecano-metalúrgicas* começam a se desenvolver após a Segunda Guerra Mundial dentro da *economia planificada*, com os meios de produção administrados pelo Estado.

Com a instalação de um *combinado siderúrgico Gheorghiu-Dej-Galati*, o país começou a produzir equipamento para exploração do petróleo e minérios, escavadoras, pontes rolantes, vagões, locomotivas e equipamentos eletrônicos.

Localiza-se em Ploesti a mais importante *usina petrolífera*; além de um oleoduto que une essa cidade ao porto de Constança, tem destaque um outro conduto com 3.200 km que vai de Ploesti a Odessa, na Rússia, e outro que atinge Turnu-Severin na fronteira iugoslava.

Estão também no planalto da Transilvânia as *fazidas de gás natural* que dão a Rumânia o 4.º lugar entre os produtores mundiais.

A posição econômica da Rumânia no mundo atual é privilegiada, graças a seus dois produtos básicos — trigo e petróleo. Depois da Rússia, é a Rumânia o 2.º país produtor de petróleo mais apreciado pela qualidade superior, já que se concentram nestas áreas *vastas disponibilidades de metano*. Por destilação, o petróleo rumeno fornece parafina, óleos minerais, vaselina e gasolina com elevado índice de octanas, betumes especiais, fenóis e produtos brancos; daí a importância que a *indústria petroquímica* tende a tomar no país.

A Rumânia parece querer se libertar no sistema internacional, pondo de lado o fator ideológico para, numa espécie de coexistência triangular, melhor desenvolver seu potencial econômico. Pertencente ao COMECON (Comitê de Ajuda Econômica Mútua dos Países da Europa Oriental), que traçou metas para os países comunistas até

1980, a Rumânia, embora sabendo que não conta com a aprovação de Moscou, está procurando ingressar também na área do MCE (Mercado Comum Europeu). Procura a Rumânia obter na área ocidental facilidades alfandegárias para exportar seus produtos; caso venha a obter, tais pretensões representarão uma espécie de “oxigênio vivificador” para sua economia, estímulo ao processo forçado de sua industrialização e consolidação para o equilíbrio político interno, onde já se esboça o ideal nacionalista.

## 2 — Os Latinos do Oriente

O ideal nacionalista é herança, em grande parte dos bizantinos que, embora viessem cair cada vez mais em desuso o latim, guardavam o nome de “*thumaioi*”. Fazendo questão de não abandonar sua *origem latina*, surgiria no conjunto de províncias que fizeram parte do Império Romano, a Rumânia, que herdou o nome “*Rhumania*” que aquele, em grego tivera no Oriente.

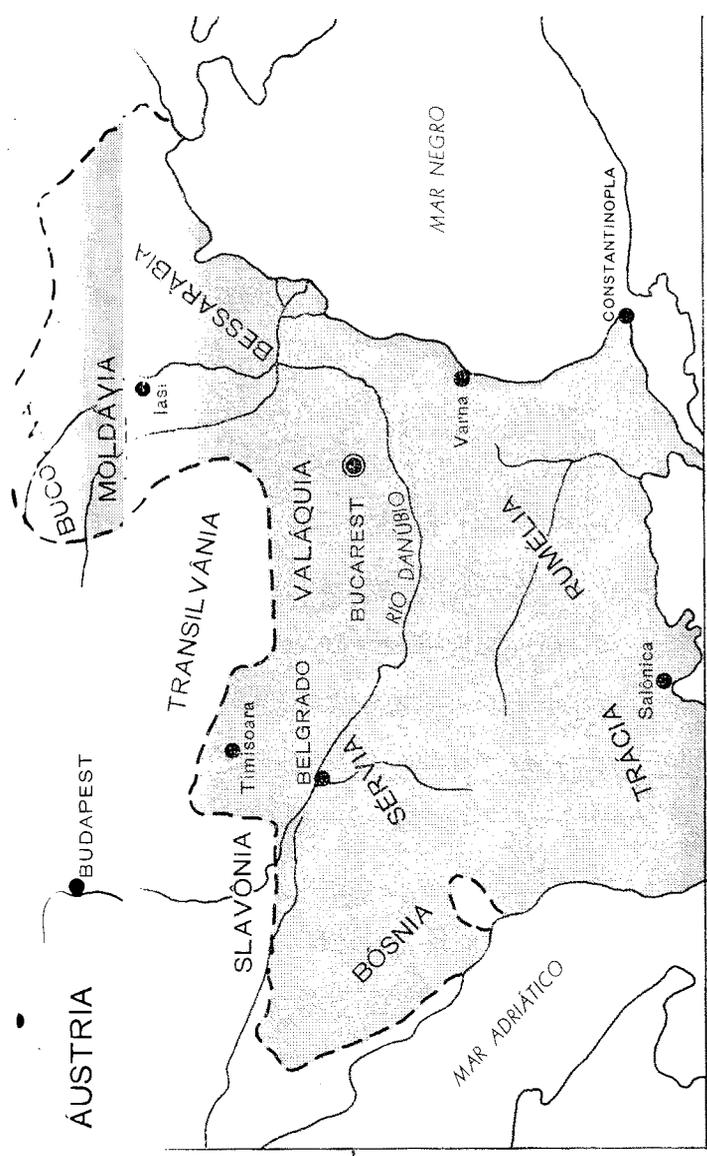
Bastantes numerosos, os *eslavos*, invadindo a região balcânica quebraram a unidade étnica e lingüística; assim, as províncias romanizadas do sul e oeste do Danúbio tornaram-se eslavas. No entanto, como elementos que isolam, as montanhas carpáticas e florestas permitiram que continuasse a subsistir o *povo rumeno*, formando *uma ilha de latinitude no meio eslavo*.

Os *Carpatos*, como zona de refúgio, transformou-se no *núcleo geo-histórico da Rumânia*, forjando o ímpeto criador de uma cultura. Graças à vida nômade de pastores, atingiram os rumenos as áreas circunvizinhas em busca do sedentarismo agrícola; nesse movimento expansionista fixaram entre os rios Pruth, Danúbio e mar Negro as fronteiras geo-históricas do país.

Como povo latino que se manteve na extremidade oriental da Europa, os aldeões, com sua vestimenta tradicional, lembra os dácios da coluna de Trajano. A morfologia e sintaxe da língua rumena são latinas, conservando como característica o artigo depois do nome; assim, sob o ponto de vista lingüístico, a Rumânia manteve mais o latim que qualquer outro país latino do ocidente.

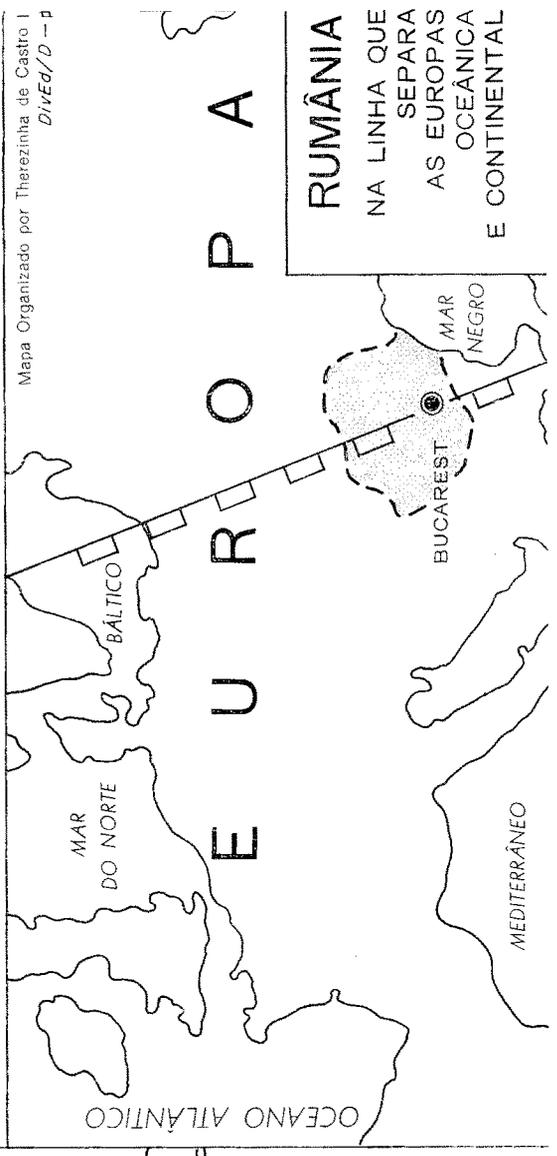
## 3 — Os Treze Núcleos Populacionais

Atualmente, na zona montanhosa do antigo núcleo geo-histórico, estão *as mais baixas densidades populacionais do*

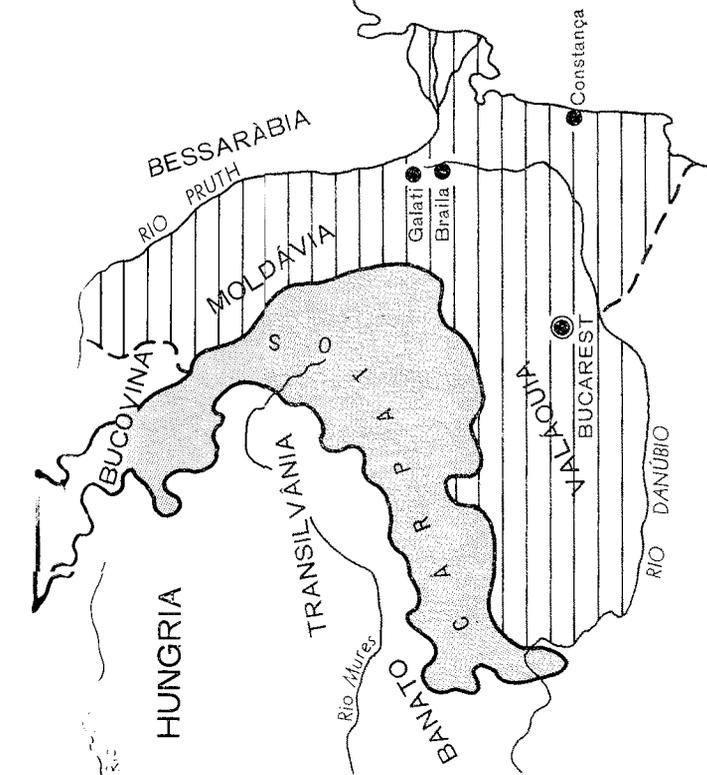


**BALCANS SOB O DOMÍNIO OTOMANO (1699)**

Mapa Organizado por Therezinha de Castro I  
DivEd/D - p

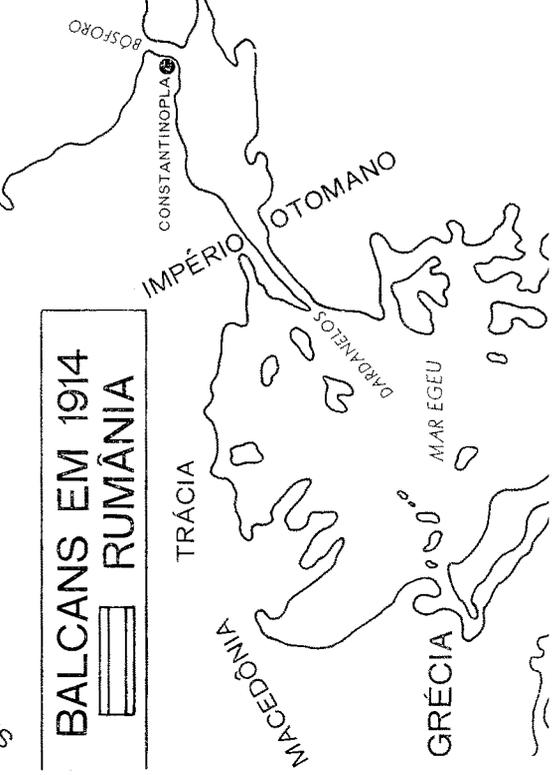


**RUMÂNIA**  
NA LINHA QUE  
SEPARA  
AS EUROPAS  
OCEÂNICA  
E CONTINENTAL



**BALCANS EM 1914**

**RUMÂNIA**



país (de 1 a 10 habitantes/km<sup>2</sup>). Nesta região destaca-se apenas *Brasov* ..... (172.342 habitantes), fundada em 1211 pelos Cavaleiros Teutônicos, que se tornou o principal núcleo de colonização alemã na Transilvânia; daí o seu nome germânico — Kronstadt. Durante o decênio 1950-60, teve o nome de Stalin ou Orasul Stalin. Brasov, que se constitui na primeira das sete cidades saxônicas da Rumânia, é hoje importante centro de indústria metalúrgica.

O efetivo demográfico vai-se tornando maior na zona do planalto da Transilvânia, onde *Cluj* (191.411 habitantes) se constitui no principal centro regional. Ao sopé do Bihor esta cidade tem o nome húngaro — Kolozsvár e alemão — Klausenburg, lembrando a diversidade étnica que nela predomina. Como centro industrial madeireiro, beneficia-se mais a cidade de Cluj por se encontrar nas proximidades da grande bacia de gás natural.

Na região da Transilvânia, *Sibiu* (115.156 habitantes) constitui-se também num mosaico étnico, sendo conhecida pelos húngaros como Nagyszeben e pelos alemães como Hermannstadt. Alia sua importância de centro regional no comércio de produtos agrícolas, a de centro de indústrias mecânicas.

Ligada ao Danúbio pelo canal de Bega, *Timisoara* (182.096 habitantes), a Temesvár dos húngaros domina a região do Banato por reunir um complexo industrial eletroquímico.

A *população total do país* pelo censo de 1.º de junho de 1968 era de ... 19.720.000 habitantes, dos quais 87,8% são rumenos. Vivem esses, ao lado de *minorias* grega, russa, turca, alemã e sobretudo *húngara* (8,4%), especialmente na *bacia do Mures onde se criou a região autônoma magiar*. Nesta área destaca-se *Arad* (130.801 habitantes), ponto de contacto entre a Transilvânia e Panônia; nascida de antiga fortaleza, é hoje centro industrial de maquinarias e vagões. Mais ao norte, *Oradéa* (130.321 habitantes), já na planície da Panônia, domina próspera região agrícola; graças às minorias, guarda o nome alemão Grosswardein, e húngaro — Nagyvarad.

Embora *mais rural do que urbana*, pois a agricultura emprega ainda 2/3 da população, *a Rumânia que se moderniza e industrializa, apresenta 13 cidades com mais de 100.000 habitantes.*

Dentre essas, a mais populosa é *Bucarest* (1.414.643 habitantes), *a capital do país que tem grande importância estratégica*, por se encontrar na linha que separa a Europa Oceânica e Mediterrânea da Europa Continental. Corruptela de "bucurie", Bucarest significa alegria. Banhada pelo rio Dambovitza que, cortando a cidade, é atravessado por 12 pontes, foi a capital rumena destruída várias vezes por incêndios, terremotos, inundações e ataques externos. Cresceu sem obedecer a um urbanismo prefixado para, na atualidade, transformar-se numa *cidade moderna formada por círculos concêntricos*, com parques, jardins e lagos que surgiram em pântanos. Além de *centro cultural* com uma universidade, academias e 30 museus, conserva uma catedral bizantina (1656) e minaretes muçulmanos, recordando estes o Império Otomano. É *cidade industrial*, repartindo suas funções neste setor com *Ploesti* (154.414 habitantes), que lhe segue numa reta para o interior..

Ploesti, centro ferroviário, deve todo o seu desenvolvimento, de cidade que cresceu com edifícios modernos "a la americana", aos campos petrolíferos mais antigos em exploração na Rumânia. Em área próxima de jazidas de linhita, além das refinarias de petróleo, desenvolve suas indústrias químicas.

*Craiova* (158.651), no rio Jiul, destaca-se nesta região de planície como mercado rural, dominando setores agrícolas da Valáquia. Como centro industrial, dedica-se à metalurgia diferenciada, produtos químicos, construções mecânicas e elétricas.

*Braila* (144.623 habitantes), porto rumeno no Danúbio inferior, encontra-se associada a *Galati* (157.920 habitantes) na economia pesqueira. Possui Braila um estaleiro para construção de barcos, destilaria de petróleo e indústria de celulose. Por sua vez, Galati é a sede da Comissão Européia do Danúbio; porto de trânsito entre a navegação marítima que ultrapassa o delta pelo canal de Sulina e fluvial, desenvolve-se com suas indústrias naval, metalúrgica e alimentícia.

No mar Negro, *Constança* (161.627 habitantes) se apresenta como o principal porto rumeno, ligado em especial à exportação de petróleo.

Na extremidade oriental, na antiga rota comercial dos mares Báltico e Negro, como porta de saída da Moldávia, teve e tem papel importante a cidade de *Iasi* (170.363 habitantes). No passado, centro religioso católico e ortodoxo, no presente, cidade industrial de manufaturas e produtos químico-farmacêuticos.

## 4 — Aspectos Geohistóricos

O Danúbio, um dos pomos de discórdia nos Balcans, foi, no seu vale inferior — *Dácia*, colonizado pelos gregos (século VI a.C.) e incorporado por Trajano ao *Império Romano* (101 d.C.). A romanização da Dobrudja, Moldávia e Valáquia, planície que facilitavam os contactos, foi mais fácil; mesmo após a *invasão eslava* subsistiu a cultura latina. No entanto, a cadeia montanhosa carpática separou essas regiões planas do planalto da Transilvânia, onde os *magiães e saxões* não se deixaram facilmente assimilar pela *cultura latina*. Esse passado remoto reflete-se ainda no presente nas *duas Rumânias* — a Externa, bem mais latina e a Interna, transformada em mosaicos étnicos.

Com a divisão do Império Romano em ocidental e oriental, este último, sob o nome de *Império Bizantino*, no qual se incluía a Rumânia, subsistiu até a Idade Média. No século XI, os *turcos seljúcidas*, fanáticos muçulmanos, estavam em plena expansão, e a Europa Católica, tentando salvar os bizantinos ortodoxos, mas também cristãos, pregava as Cruzadas.

Não conseguiram as Cruzadas deter o avanço turco e, assim sendo, o vasto *Império Otomano* na Idade Moderna englobava o Oriente Médio, Egipto, África do Norte e Balcans. Justamente os Balcans tornariam o Império Otomano bastante débil, pois suas populações cristãs — gregos, sérvios, búlgaros, albaneses e rumenos, submetidas desde o século XV, continuavam mantendo, além da religião, a língua e sua tradições.

Partiria assim da *unitária planície rumena* o movimento de rebelião contra o jugo turco em prol da *formação da Rumânia*. A Moldávia e Valáquia nessa época, embora divididas em dois principados, possuindo na realidade um mesmo povo que falava a mesma língua e pretendia transformar-se num único Estado. O sultanato turco a isso se opunha, pois, tendo em seu território numerosos súditos rumenos, correria perigo com a formação de uma Rumânia no interior de seu Império.

Para conciliar os dois pontos de vista, os diplomatas europeus organizaram no *Congresso de Paris* (1856) a Moldávia e Valáquia, com as mesmas leis e uma Alta Corte de Justiça comum, mas cada qual com o seu “*hospodar*” (governador). Entretanto, os dois principados souberam contornar a situação, elegendo ambos o mesmo “*hospodar*” na pessoa do *patriota rumeno Couza*, que tomou o título de *Príncipe da Rumânia*

(1859). A Europa aceitou o fato e a Turquia teve que se resignar.

Em 1866 Couza era obrigado a abdicar, em virtude da política ditatorial que vinha pondo em prática. Coube a França resolver a situação, oferecendo a coroa a *Carlos de Hohenzollern*, primo dos imperadores da Áustria e Prússia; os rumenos elegeram-no *Príncipe Hereditário*, pondo fim assim ao direito de investidura que tinha o Sultão, ficando este apenas recebendo pequeno tributo, como sinal de vassalagem. No início do século XX, a Áustria e Rússia tratavam de sua expansão nos Balcans, ainda em poder do Império Otomano. Como as principais potências europeias desejavam a integridade deste império, mantiveram-na através da *Paz de Bucarest* (1913), mas não puderam impedir que a Primeira Guerra Mundial tivesse nos Balcans uma de suas causas. No entanto, a integridade do Império Otomano só fora defendida pelas nações europeias, principalmente pela França e Inglaterra, quando se tratou de impedir que os russos dominassem os estreitos de Dardanelos e Bósforo.

Ao estourar a Primeira Guerra Mundial, os Jovens Turcos, partido de tendências liberais, temendo as ambições russas com relação aos estreitos de Dardanelos e Bósforo, levaram a Turquia a ligar-se ao bloco alemão. No entanto, a *Rumânia, constituída pela Moldávia e Valáquia*, tendo lutado ao lado dos aliados, *teve seus territórios aumentados com a aquisição da Bessarábia, Bucovina e Transilvânia*.

Esfacelava-se o Império Otomano e no período de entre-guerras a Rumânia esteve sempre na mira da Rússia. Sob a *ditadura de Antonesco* e com a *abdicação do rei Carol em favor de seu neto Miguel*, lançou-se a Rumânia na Segunda Guerra Mundial contra a Rússia, por ter esta, em 1940, lhe apresentado um *ultimatum* reclamando a Bessarábia. Quando porém a Rússia aderiu ao bloco contrário a Alemanha, os *Estados Unidos passaram a defender as pretensões soviéticas, declarando guerra à Rumânia*. Terminado o conflito, sob pressão da Rússia, *o governo foi entregue a Groza*, chefe do Partido Comunista local, que obrigou o rei Miguel a abdicar, proclamando a *república*, para dar em seguida ao país uma *Constituição baseada na da União Soviética*. Passava, assim, a *Rumânia para a órbita comunista como unidade integrante da Cortina de Ferro*.

Fassou então a Rumânia a viver com pouca autonomia até a presidência de *Gheorghe Gheorghiu-Dej*, quando começou a demonstrar maior indepen-

dência; começando por rejeitar o plano soviético, elaborado em 1962, que procurava tornar a Rumânia fornecedor de matérias-primas para os demais países satélites.

Ao falecer Georghe Gheorghiu-Dej em 1965, *Nicolae Ceausescu* firmou ainda mais a política nacionalista independente, concentrada no desenvolvimento industrial. Escandalizou o bloco soviético, reconhecendo a Alemanha Ocidental e se pronunciando contra o isolacionismo econômico do COMECON. Conservou a Rumânia neutra no conflito sino-soviético, mas considerou sem grandes perspectivas a visita que o chinês Chu-En-Lai fez ao país em 1966.

No discurso que fez em julho de 1972 para os Delegados da Conferência Nacional do Partido Comunista Rume-

no, condenou o marxismo-leninismo como "princípio demasiado vago", por não permitir uma convivência sem subserviência através de uma política exterior independente. Criticou a invasão da Tchecoslováquia por tropas russas em 1968 e exaltou as relações do país com os Estados Unidos.

Designado chefe do novo órgão criado no país, o Conselho Supremo para o Desenvolvimento Econômico e Social propôs-se a acelerar o plano quinquenal a fim de modernizar as maquinarias, aproveitar melhor a matéria-prima para que a Rumânia integre dentro dos próximos vinte anos o chamado "clube das nações ricas".

(agosto de 1972)

# Nova Zelândia: país das ilhas

Therezinha de Castro  
Geógrafa do IBG

## 1 — Aspecto Geográfico

A *Nova Zelândia* é um conjunto político formado por duas grandes ilhas — a Norte e a Sul e outras menores. A *influência do oceano Pacífico* é de suma importância, pois banha 4.800 km das costas destas ilhas, fato considerável levando-se em conta a superfície total. As *precipitações* são abundantes trazidas pelos “westerlies”, ventos do oeste.

De norte a sul estas ilhas se estendem por cerca de 1.700 km, numa largura que nunca excede 200 km, abrangendo uma área de 268.232 km<sup>2</sup>, pouco maior que o nosso Estado do Piauí (250.934 km<sup>2</sup>). Fazendo parte do “*cinturão de fogo*” do *Pacífico*, são mais ou menos equivalentes às áreas das duas maiores ilhas — a *Norte* (114.680 km<sup>2</sup>) e *Sul* (150.443 km<sup>2</sup>).

Pela *latitude* que ocupa, o país encontra-se na *zona temperada*. Graças ao alongamento dessas ilhas no sentido dos paralelos (34° e 47° de latitude sul), existe certa variedade climática entre o norte e sul do país, conforme nos mostra o quadro abaixo.

CIDADES	Precipitação (mm)	Temperatura Média	Médias Mensais	
			+ quente	+ frio
Auckland.....	1,010	15°	19°,6	11°,1
Wellington.....	1,470	12°,2	16°,6	8°,4
Christchurch.....	630	11°,1	16°,8	6°,6
Dunedin.....	830	9°,7	14°,4	5°,3

Por sua vez, o fator *altitude* faz com que vastas extensões fiquem cobertas de neve no inverno; nos *Alpes Neozelandeses*, o monte Cook, o mais alto do país (3.768 metros) está sempre coroado de neves eternas.

Os Alpes Neozelandeses têm essa denominação por oferecerem todos os *fenômenos glaciais* de seu homônimo

européu. Os variados contrafortes que flanqueiam esta cadeia montanhosa na parte leste descem através de abruptas vertentes até as *planícies de Canterbury*, as mais extensas do país. Essas planícies são bem mais quentes e secas, sofrendo fenômeno análogo ao *foehn* dos Alpes Suíços; isto é, o “*nor yester*” de Canterbury, após descarregar toda sua umidade na costa ocidental, atinge a planície.

Por sua vez, os Alpes Neozelandeses, barrando os ventos do oeste, dão a extremidade meridional da ilha Sul, na denominada *Região dos Fjords*, cerca de 5,70 m de chuvas por ano. Essa Região dos Fjords, que desce para o mar em vertentes abruptas, lembra a paisagem da península Escandinava; desenvolve-se na direção nordeste-sudoeste, alcançando a ilha Steward, separada da ilha Sul pelo estreito de Fouveaux.

Pode-se ainda notar, na ilha Sul, que parte dos glaciares desaparecidos ao sopé dos Alpes Neozelandeses deram origem a lagos de águas frias. Nesta *Região dos Lagos* as águas foram retidas por antigas morainas centrais, formando cerca de 50 lagos superiores a 2 km<sup>2</sup>. O mais extenso de todos é o *Te Anau* (340 km<sup>2</sup>), cujas margens apresentam-se bastante sinuosas; mais ao norte surge o *Waikaitipu* (297 km<sup>2</sup>) o de maior profundidade, cercado por densas brumas que descem das montanhas situadas ao seu redor.

Os principais rios da ilha Sul procedem desses lagos de origem glacial ou de fraturas orogênicas. Nestas condições, o *Waitaki*, *Clutha* e *Plataura*, alimentados pelas neves dos Alpes Neozelandeses, servem de caudal a esses lagos. O rio *Clutha* (248 km de curso) possui dragado o seu leito médio para a extração do ouro.

Na ilha Norte, tem logo destaque o vasto *planalto Vulcânico* com altitudes médias de 1.300 m; nele o *vulcão Ruapehu* (2.803 m) alcança a altitude máxima da ilha. Neste planalto de lavas, povoado por vulcões, fontes quentes, jatos de vapores e *geysers*, domina o *lago Taupo* (775 km<sup>2</sup>) situado a 385 metros sobre o nível do mar; o Taupo comunica-se com o oceano através da corrente fluvial formada pelo *Waikato*, o rio mais extenso do país (435 km), que apresenta freqüentes rápidos e cachoeiras.

Já os rios *Wanganui*, *Rangitikei* e *Rangitaiki*, sem terem origens lacustres, conservam suas caudais provenientes do planalto Vulcânico. O Wanganui e Rangitikei correm pela *planície de Onetapu*, a maior da ilha Norte; o topônimo desta planície significa no dialeto maori — areia sagrada — que é formada pelos

detritos lançados em épocas passadas pelo vulcão Ruapehu.

No norte deste planalto Vulcânico encontra-se a chamada *Terra dos Geysers*, onde o *Rotorua* (80 km<sup>2</sup>) se destaca por suas águas quentes naturais, rodeado por fumarolas e solfataras.

As *colinas*, raras na ilha Sul, porém numerosas na ilha Norte, são formadas por calcários terciários. Estendem-se através de grandes áreas do litoral da ilha Norte que, mais recortado, com extensos promontórios, oferecem mais abrigo. Nestas condições destaca-se a *baía de Porto Nicholson*, abrigando *Wellington* capital do país, situada no extremo meridional da ilha Norte. Na *baía das Ilhas*, assim denominada pelas numerosas ilhas vulcânicas que encerra, entre as quais a da *Grande Barreira* e *Waikari*, localiza-se *Auckland*, no trecho mais estreito da península que tem o seu nome. Segue-lhe a *baía de Plenty*, também povoada por ilhas vulcânicas e a *baía de Hawke* que abriga *Napier*. Na zona mais setentrional, as várias reentrâncias que culminam no cabo Norte protegem os portos de *Wanui*, *Wanganui* e *Waitangi*.

Enquanto no norte os recortes litorrâneos são devidos em grande parte às fraturas ocasionadas por cataclismas vulcânicos, no sul essas reentrâncias estão ligadas à erosão glaciária. Observa-se, no entanto, que a ilha Sul é bem menos recortada. No setor setentrional, a *baía de Tasman* serve de abrigo a *Nelson*. Já a *baía de Pegasus* encerra *Christchurch*, o maior núcleo urbano da ilha; esta cidade domina, ao lado de *Dunedin* e *Otago* a vasta e fértil planície de *Canterbury*.

O *estreito de Cook* separa as ilhas Norte e Sul e o de *Fouveaux* encontra-se entre a última e a de *Steward* . . . . (1.736 km<sup>2</sup>); nesta região meridional destaca-se em situação bastante abrigada o porto de *Invercargill*.

Além de *Steward*, pertencem a Nova Zelândia, país caracterizado por duas ilhas, também vários arquipélagos. Assim, a 740 km da ilha Sul encontramos *Chatham* (963 km<sup>2</sup>), tendo 1/3 de sua área ocupada por extenso lago salgado: as *ilhas Antipodas* (54 km<sup>2</sup>), assim chamadas por estarem próximas do ponto antípoda do meridiano de Greenwich. Distando 320 km da ilha *Steward* emergem, em meio a um mar agitado, as *ilhas Auckland* (660 km<sup>2</sup>) com bons pontos de refúgio e escala no Pacífico Sul. Por fim, encontram-se ainda na dependência da Nova Zelândia o arquipélago de *Campbell* (114 km<sup>2</sup>), *Bounty* (1,4 km<sup>2</sup>), *Snares* (2,6 km<sup>2</sup>), *Três Reis* (8 km<sup>2</sup>) e *Kermadec* (34 km<sup>2</sup>).

## 2 — Aspecto Geo-Econômico

As zonas mais chuvosas da Nova Zelândia formam paisagem de *floresta austral constituída por coníferas*. Aí explora-se o *kauri*, árvore usada pela indústria madeireira, de onde se extrai uma *resina fósfil* utilizada para a fabricação do verniz. Além dos *kauris* são encontradas enormes *faias*, *epifitas* e *jetos arborescentes*.

Na costa oriental, onde a vegetação é predominantemente rasteira, 90% das terras são utilizadas para a *economia pecuarista*. Nos 20.149.653 acres de pastagens, o *gado leiteiro* e *ovino* é tratado com maquinarias modernas, empregando por isso os criadores, raramente, o trabalhador assalariado; agrupam-se de preferência em *cooperativas* que lhes permitem utilizar, cada vez mais, técnicas aperfeiçoadas.

Dos carneiros, cujos rebanhos se encontram espalhados igualmente pelas duas ilhas, obtêm os neozelandeses a lã e a carne para ser industrializada. Já a ilha Norte é o domínio do gado leiteiro; 87% do rebanho do país, dando a Nova Zelândia o 1.º lugar como exportador mundial de manteiga e 2.º de queijos e lã.

Apenas 1.102.142 acres de terras se destinam à *agricultura*; os cereais cultivados na planície de *Canterbury* destinam-se exclusivamente ao mercado consumidor interno.

Os *recursos minerais são escassos*. As minas de *Otago*, na ilha Sul, fornecem apenas 2 toneladas anuais de ouro. Os 2.700.000 toneladas de carvão extraídos do noroeste da ilha Sul são consumidos pelas necessidades internas.

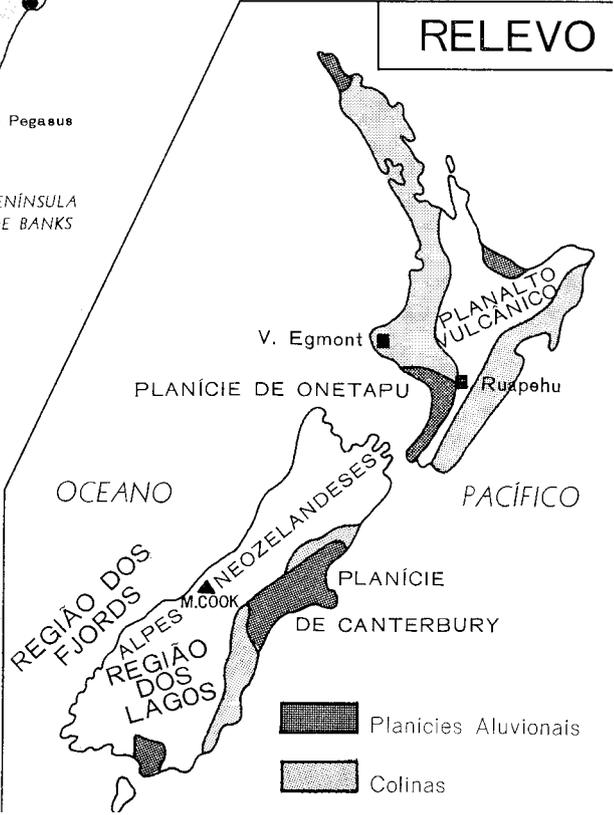
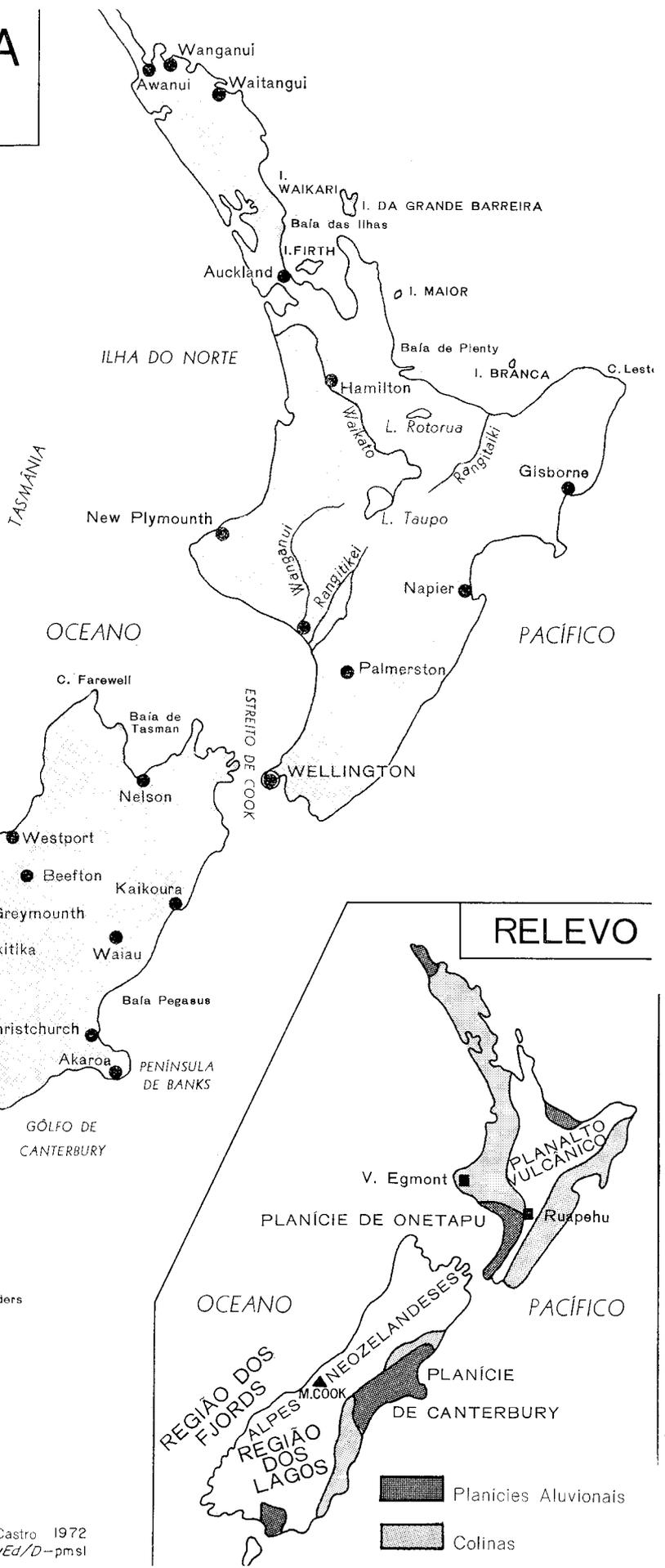
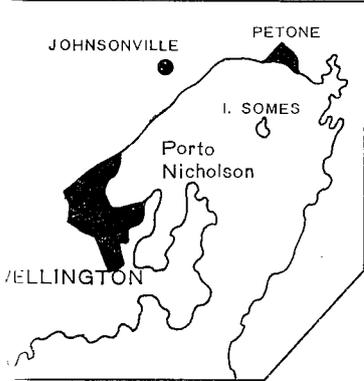
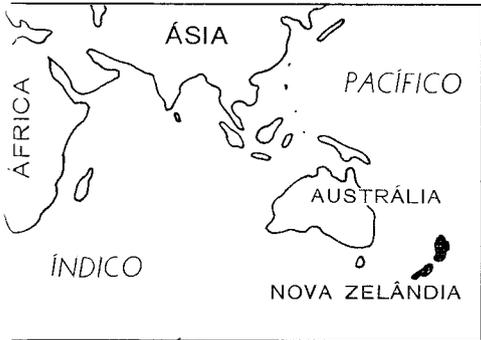
Toda a atividade comercial da Nova Zelândia, cuja exportação se atém aos produtos e subprodutos da pecuária, é feita com os países membros da Comunidade Britânica, sendo que só a Inglaterra absorve 78% dessas vendas.

## 3 — Ocupação Humana

As regiões dedicadas à pecuária e agricultura comandadas pelas *idades distribuídas na faixa litorânea* se constituem nos pontos mais povoados da Nova Zelândia.

Segundo estimativas de 1.º de abril de 1969, vivem em território neozelandês 2.780.839 pessoas; na ilha Norte, onde o povoamento é não só mais uniforme como também mais denso, estão estabelecidos 1.908.098 habitantes, enquanto a ilha Sul apresenta apenas 800.741 habitantes. Nestas condições, o país apresenta uma densidade demográfica de 10 habitantes/km<sup>2</sup>.

# NOVA ZELÂNDIA



Mapa Organizado por Therezinha de Castro 1972  
DivEd/D--pmsl

O quadro que se segue indica as cidades mais populosas da Nova Zelândia.

CIDADES	População
Christchurch.....	165.700
Auckland.....	152.200
Wellington.....	134.400
Dunedin.....	81.300
Hamilton.....	69.500
Palmerston.....	49.800
Invercargill.....	46.000
Napier.....	37.400
Wanganui.....	36.500
New Plymouth.....	32.500
Nelson.....	28.100
Gisborne.....	25.900

\*Fonte: *The Statesman's Year Book* (1970-71)

Os *maoris* originários da Polinésia, constituíam uma população de 80.000 pessoas quando da chegada dos *ingleses*. O contacto com os europeus levou esse povo a reduzir-se progressivamente e, assim, no início do século XX, eram apenas 40.000. Graças à criação de reservas, onde medidas de higiene foram tomadas, o efetivo maori foi aumentado. Os maoris formavam um povo vigoroso e feroz que se opôs tenazmente à penetração europeia; nunca foram unidos, lutando regularmente uns contra os outros; os vencedores devoravam os vencidos, e este canibalismo se realizava seguindo práticas religiosas.

A política de compreensão, levada a efeito pelo colonizador, levou a população maori a ser representada no Parlamento a partir de 1894. Hoje, ao lado das escolas mistas, funcionam as autóctones; havendo total liberdade política, econômica e cultural, numerosos maoris costumam deixar suas reservas para virem se instalar nos grandes centros. Tal *coexistência pacífica* só se tornou possível após uma série de lutas e revoltas, enfeixadas em duas guerras, narradas de maneira poética no romance de Elizabeth Goudge — *O País do Delfim Verde*.

Quase que inexistentes na ilha Sul, por ser mais fria, os maoris se concentram atualmente, de preferência, na região de Auckland na ilha Norte. O quadro que se segue nos mostra o índice de crescimento da população maori nos últimos anos.

ANO	População*
1896.....	42.113
1936.....	82.326
1945.....	98.744
1951.....	115.676
1961.....	171.553
1966.....	201.150
1969.....	220.718

\*Fonte: *The Statesman's Year Book* (1970-71)

Os *brancos*, embora menos proli-feros que os maoris, são hoje mais numerosos graças à imigração intensa processada no século XIX; são descendentes de *ingleses, escoceses* e mais recentemente de *holandeses e italianos*. Pela estimativa de 1969, ao lado dos 220.718 maoris, vivem na Nova Zelândia. 2.560.839 brancos; em 1839 eram esses representados por apenas 1.000 pessoas, em 1881 já atingiam a cifra de 488.000, sendo 1.900.000 em 1953. Embora o povoamento na ilha Sul tenha se efetuado de modo mais rápido, graças às menores dificuldades com os maoris, quase que inesistentes no local, a população branca europeia preferiu mais o clima mediterrâneo das colinas e planícies costeiras da ilha Norte.

Passando mais ao norte do Pacífico, os navegadores portugueses e espanhóis não chegaram a Nova Zelândia. Nestas condições, os mapas do século XVI representam no sul do Pacífico uma vasta "*Terra Australis*", figurando apenas teoricamente.

Coube a *Abel Tasman* em 1642, vindo da cidade do Cabo, atravessar o Índico para chegar à Tasmânia e Nova Zelândia. Mal recebido pelos maoris, e não tendo encontrado as especiarias, os holandeses desprezaram essas ilhas.

Com o renascer do espírito científico na segunda metade do século XVIII, os ingleses comandados por *Cook* voltaram a essa região da qual tomaram posse em nome do rei da Inglaterra (1770). Ainda desta vez a animosidade dos maoris não favoreceu à colonização da Nova Zelândia; os comerciantes agrupados na baía das Ilhas tiveram que manter constantes lutas contra os aborígenes (1818-38).

Sabendo que os franceses planejavam instalar colonos em Akaroa na ilha Sul, o governo inglês, até então desinteressado pela região, tratou de firmar com os maoris o *Tratado de Waitangui* (1840), pelo qual garantia aos nativos a posse das terras por eles ocupadas, ficando por outro lado reconhecido aos ingleses o domínio oficial.

A partir daí começam a se instalar na Nova Zelândia grandes levas de *pioneiros ingleses*, fundadores de Wellington (1840), New Plymouth e Nelson. Notando o afluxo sempre crescente de europeus, os maoris iniciam suas hostilidades, massacrando 22 colonos em Waiiau. A esta 1.<sup>a</sup> Guerra, que só terminou após quatro anos (1842-46), sucedeu-se *outra fase ainda mais intensa de colonização*, com o estabelecimento de presbiterianos ingleses em Dunedin (1848) e anglicanos em Christchurch (1850), que deram início à atividade pecuarista com a criação de carneiros.

À semelhança do que acontecera nos Estados Unidos e Austrália, surgiam na Nova Zelândia seis províncias independentes, cada qual com a sua *assembleia* local, embora enviando representantes ao *Conselho Geral* estabelecido em Auckland.

Reunidos na região do lago Taupo, os maoris resolvem não mais vender terras aos europeus e, atacando New Plymouth, iniciam a *2.ª Guerra* . . . . . (1860-68). Durante a luta, a *descoberta do ouro em Otago* (1861) iria atrair numerosos aventureiros; com o desenvolvimento que ia tomando a ilha Sul, o governo inglês resolveu estabelecer a capital da colônia em Wellington . . . . . (1865), por ser ponto mais central e estratégico. Fimada esta segunda guerra com os maoris a *conquista e colonização da Nova Zelândia se torna efetiva*.

O *isolamento da colônia no Pacífico-Sul* valeu-lhe, desde logo, a *mais larga autonomia*; apesar de nomeado um governador geral eram grandes os poderes dos então *sete Conselhos Provinciais*. De início, a vida política era dominada pela aristocracia dos grandes proprietários, mas o *sufrágio universal* (1889) veio em seguida para favorecer a massa de pequenos colonos que, em comunidades religiosas, se agrupavam na ilha Sul. Implanta-se um "*socialismo sem doutrina*" na Nova Zelândia que foi dotada progressivamente da mais avançada legislação do mundo; foi o primeiro país a dar as mulheres o direito de voto (1893), representação parlamentar aos nativos maoris (1894),

proteção trabalhista aos colonos, arbitramento obrigatório nos conflitos de trabalho, reforma agrária e nacionalização de ferrovias.

Recusando-se a uma associação com a Austrália \*, a Nova Zelândia tornou-se *Domínio* em 1907. Hoje o poder governamental pertence simbolicamente à Coroa Britânica, representada por um Governador assistido por Ministros que constituem o *Conselho Executivo*. O poder legislativo é constituído pela *Câmara dos Representantes* com 80 membros dos quais 3 são maoris, eleitos por três anos pelo sufrágio universal.

Ponto de escala no Pacífico-Sul, é grande a *importância estratégica* da Nova Zelândia, integrada ao mundo ocidental. Encontra-se no poder, desde 1960, o *Partido Nacional* (Conservador) dirigido por *Keith Holyoak* que, em 1965, se engajou simbolicamente à guerra do Vietnam, enviando uma bateria de artilharia ao campo de luta. São, sem dúvida alguma *as diretrizes políticas externas* que dividem os ideais dos dois partidos locais. Os atuais detentores do poder defendem a integração de um sistema político-militar dirigido pelos Estados Unidos, tendo em mente a defesa da Ásia. Já o *Partido Trabalhista* procura afastar-se dos Estados Unidos para encetar maior aproximação com os países asiáticos, notadamente com o Japão.

\* Vide *Atlas de Relações Internacionais*, n.º 17